



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOCILENE DA SILVA SOUZA

**COREMAS DE VILA À CIDADE:
AÇUDE ESTEVAM MARINHO COMO IMPULSIONADOR DA VIDA
URBANA NAS DÉCADAS DE 1930-1940.**

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

JOCILENE DA SILVA SOUZA

**COREMAS DE VILA À CIDADE:
AÇUDE ESTEVAM MARINHO COMO IMPULSIONADOR DA VIDA
URBANA NAS DÉCADAS DE 1930-1940.**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores – Campus de Cajazeiras – PB, para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Viviane Gomes de Ceballos.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S729a Souza, Jocilene da Silva.

Coremas de vila à cidade: açude Estevam Marinho como impulsionador da vida urbana nas décadas de 1930-1940./ Jocilene da Silva Souza. - Cajazeiras, 2016.

70f.: il.

Bibliografia

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Limnologia. 2. Açude - construção. 3. Cidade - Coremas - Paraíba - 1930-1940. 4. Transformações urbanas. I. Ceballos, Viviane Gomes de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 556.55

JOCILENE DA SILVA SOUZA

**COREMAS DE VILA À CIDADE:
AÇUDE ESTEVAM MARINHO COMO IMPULSIONADOR DA VIDA URBANA NAS
DÉCADAS DE 1930-1940.**

MONOGRAFIA APROVADA EM 05 DE SETEMBRO DE 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Viviane Gomes de Ceballos
Orientadora

Prof. Dr^a. Ana Rita Uhle
Examinador

Prof. Ms^a. Ana Elizabete Moreira de Farias
Examinador

CAJAZEIRAS- PB

2016

Dedico esse trabalho aos meus pais, Francinaldo e Francisca que tanto me apoiaram e incentivaram durante esse percurso..

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao Autor da existência, Aquele que permite que todas as coisas aconteçam e que no tempo certo se concretizem Deus.

Agradeço aos meus pais, meus maiores exemplos. Que sempre me incentivaram e que me apoiaram para que eu não desistisse dessa caminhada. Obrigado por estarem ao meu lado sempre.

As minhas irmãs Francilene e Karice pela nossa convivência diária, e por ter me apoiado e ficarem ao meu lado nas horas que eu mais precisava. A vocês expresseo o meu maior agradecimento.

A todos os professores e em especial a minha orientadora Viviane Gomes de Ceballos, pelo desenvolvimento desse trabalho. E que com muita paciência e atenção, dedicou do seu tempo para me orientar neste trabalho.

As minhas queridas amigas e companheiras do percurso acadêmico Clébia Valêscia e Daniela Cristina.

Não vou deixar de agradecer também todas as pessoas que diretamente ou indiretamente, contribuíram para a construção dos meus valores e tudo que sou hoje. Assim como não vou deixar de agradecer a compreensão de pessoas especiais, quando minha presença não foi possível em razão desse trabalho.

Enfim a todos os meus amigos e pessoas especiais que sempre tiveram do meu lado durante esse percurso.

RESUMO

SOUZA, Jocilene da Silva. COREMAS DE VILA À CIDADE: açude Estevam Marinho como impulsionador da vida urbana nas décadas de 1930-1940. 76fs. Monografia Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - Cajazeiras – PB, 2016.

Esse trabalho tem como escopo analisar a construção do açude Estevam Marinho na cidade de Coremas durante as décadas de 1930 e 1940. A fim de compreender as transformações urbanas bem como o papel do açude para a cidade. Deste modo buscarei compreender as diferentes modulações, e o valor que as mesmas tiveram para o local numa perspectiva que venha delinear a importância das mesmas como significativas no processo construtivo da cidade, incluindo o próprio açude como elemento modernizador. Utilizaremos para esses fins publicações feitas sobre a cidade, discursos políticos sobre a construção da barragem, e trabalho de campo na vila operária construída para a construção da grande obra. A partir dessa, metodologia buscar entender de que forma o açude influenciou no desenvolvimento da cidade.

Palavra chave: Cidade, açude e modernização.

ABSTRACT

SOUZA, Jocilene da Silva. VILLAGE COREMAS THE CITY: Weir Estevam Marino as a driver of urban life in the decades of 1930-1940. 70fs. Monograph Course of History of the Federal University of Campina Grande - Cajazeiras - PB, 2016.

This work has as scope analyze the construction of weir Estevam Marinho in the city of Coremas during the decades 1930 and 1940. To understand the urban transformations as well as the role of the weir for the city. That way I seek understanding the different modulations, and the value that they have had at the location in a perspective which will outline the importance the same as significant in the constructive process of city, including the weir as modernizer element. We use for this publications made about the city, political speeches about the barrage construction, and field work in village working build for the great work. From that, methodology try to understand in what way the weir influenced in development of city.

Key – Words: City, weir and modernization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Coremas – PB localização da cidade.....	29
FIGURA 02 – Vista do açude Estevam Marinho.....	31
FIGURA 03 – Foto da edificação do açude Estevam Marinho.....	32
FIGURA 04 – Frente de trabalho na construção do açude Estevam Marinho.....	33
FIGURA 05 – Imagem panorâmica da cidade de Coremas.....	39
FIGURA 06 – Edificações no acampamento em fase de construções na década de 30.....	42
FIGURA 07 – Edifícios do Acampamento do DNOCS, em processo construção, na década de 1930.....	47
FIGURA 08 – Residência do Dr. Estevam Marinho, no Acampamento do DNOCS, em Coremas.....	48
FIGURA 09_Casa de força na cidade de Coremas.....	49
FIGURA 10 – Usina hidrelétrica curema.....	50
FIGURA 11 – Hospital e maternidade no Acampamento do DNOCS, em Curema, em 1940.....	51
FIGURA 12 _Grupo escolar, no Acampamento do DNOCS, em Curema, 1937.....	53
FIGURA 13 _ Escola 31 de março, bairro do DNOCS.....	54
FIGURA 14 – Vista frontal do Escritório do DNOCS.....	55
FIGURA15 – Cinema do Acampamento do DNOCS 1938/1939.....	56
FIGURA 16 – Trem de carga, “Cafuringa”.....	58
FIGURA 17 _ Carnaval no acampamento do DNOCS, década de 1950.....	60
FIGURA 18 – Desfile cívico 7 de setembro no Acampamento do DNOCS.....	61
FIGURA 19 – Antigos prédios das Oficinas mecânicas e da Casa de Força.....	64
FIGURA 20 – Três principais ruas do bairro do DNOCS.....	65
FIGURA 21 – Atuais placas das antigas ruas “Rua U”, “Rua mecânica”.....	66

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- Açudes construídos após a criação do IOCS até o ano de 1930.....	18
QUADRO 02- Barragens e açudes públicos construídos pelo DNOCS entre 1930- 1959.....	18
QUADRO 03- Açudes públicos por Decênio e por estado capacidades em mil metros cúbicos.....	28
QUADRO 04- Quadro de escritura de terras do povoado de boqueirão de curema.....	43

LISTA SIGLAS

1. DNOCS-Departamento nacional de Obras Contra as Secas
2. IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
3. IFOCS-Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.
4. INPPE-Instituto Patoense de Pesquisa e Estatística.
5. IOCS-Inspetoria de Obras Contra as Secas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: A AÇUDAGEM COMO RECURSO NO COMBATE AOS EFEITOS DA SECA NO NORDESTE E NA PARAIBA DÉCADA DE 1930.....	16
1.1-Consideração sobre a açudagem.....	16
1.2-Discursos proferidos com o processo de Açudagem.....	19
1.3-Açudagem na Paraíba década 30.....	24
CAPÍTULO 2: O AÇUDE COMO PROPULSOR DO PROGRESSO URBANO NA CIDADE DE COREMAS.....	29
2.1-Históricos da cidade.....	29
2.2-Açude Estevam Marinho.....	31
2.3-O caráter inovador para o traçado da cidade de Coremas.....	34
CAPÍTULO 3: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO BAIRRO DO DNOCS: UMA SÍNTESE POSSÍVEL.....	42
3.1-Características gerais e localização geográfica do bairro do DNOCS década de 1930.....	42
3.2-Por que a descontinuidade de toda uma estrutura montada?.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

INTRODUÇÃO

A cidade é feita de sonhos e desejos. Sonhos e desejos que um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens.

Antônio Paulo Rezende

A cidade se constitui hoje, dentro da chamada Nova História Cultural, como um campo de discussão bastante amplo, e é a partir desse campo que podemos problematizar, através de múltiplos aspectos diretamente ligados ao espaço urbano, os vários discursos que instituem a cidade¹.

Para Pesavento (2007), a história cultural urbana vai se orientar pela possibilidade de ver, na cidade, uma projeção dos imaginários no espaço. A forma de um edifício, a função a que se destina, o uso que efetivamente dele se fará, a sua inserção na vida de uma cidade e o significado que lhe serão atribuídos são elementos que se apresentam à decifração do simbólico desse espaço construído.

Como chama atenção à, autora as cidades, enquanto objeto de reflexão apresenta um leque de possibilidades, que nos permite entendê-las, problematizá-las e analisá-las a partir, das diversas formas e modos de como foram pensadas, constituídas e transformadas. Há várias maneiras que nos orientam a problematizar e questionar a cidade, por meio das brechas que a mesma nos permite observarem, tanto por parte da própria história, como de pequenos episódios que contribuíram para o processo enquanto cidade.

Por via de consequência, é do espaço chamado cidade, com suas mutações e transformações históricas que se ocupará o presente trabalho. Entendendo as diferentes modificações ocorridas na cidade de Coremas-PB nas décadas de 1930 e 1940, em especial, as que resultaram com a construção do açude Estevam Marinho, sendo esse fruto de uma política assistencialista de combate à seca promovida no Nordeste.² Entendemos que foi a partir da edificação deste açude, que se deu o impulso para o planejamento urbano da cidade de Coremas influenciado pelos padrões de modernidade estabelecida na época.

¹ SILVA, 2010.

² Ver discussão no primeiro capítulo desse trabalho.

Conforme Silva (2012), a construção de açudes, barragens, canais de irrigação, poços, estradas de ferro, estrada de rodagem, entre outros elementos, foram os principais responsáveis em transformar o espaço físico nordestino. Segundo esse autor, os açudes funcionaram como elementos de modernidade e progresso que transformaram o espaço ao favorecerem a formação de núcleos urbanos em seu entorno.

Inserida nesse contexto, a cidade de Coremas, até meados da década de 1930, pouco ou quase nada conhecia das transformações que proliferavam nos grandes centros urbanos do mundo trazendo em seu bojo os deslumbramentos da modernidade. Com a construção do açude houve a necessidade da construção de uma vila operária para acomodação, dos operários que trabalhariam na obra do açude, bem como engenheiros e técnicos responsáveis pela sua consolidação.

E assim se produziu um espaço totalmente novo, com instalação de equipamentos, considerados modernos para a época, como água encanada, energia elétrica, hospital, escola, maternidade, cinema, o clube esportivo e recreativo, automóveis, entre outros elementos que não faziam parte do cenário local, mas que de certa forma trariam outra realidade, até então desconhecida. Essas transformações modificaram a morfologia urbana da cidade, a vida e o cotidiano dos seus habitantes, que passam a incorporar esses novos aparatos bem como os novos costumes proveniente deles.

Assim considerando as produções historiográficas já realizadas sobre Coremas, verificamos que tais produções sempre se remeteram a construção do açude Estevam Marinho sem, no entanto, fazer um questionamento detalhado da influência destes nas transformações ocorridas na cidade.

De tal modo pretende-se uma análise que leve em consideração as transformações ocorridas em seu tecido urbano no decorrer da construção do açude e que deixaram marcas identificáveis na forma atual da cidade. Fez-se necessário compreender o motivo que levou à construção do açude Estevam Marinho na época, e com quais finalidades especificamente. O segundo objetivo seria compreender o açude como propulsor dessa transformação na cidade de Coremas, e por último apresentar o bairro do DNOCS³ como elemento chave nesse processo.

Portanto vale aqui reafirmar que os objetivos desse trabalho não estariam atrelados somente a entender a cidade com o todo, cada uma das suas particularidades, e de tudo que a

³ Vale deixar claro aqui que, Bairro do DNOCS, Vila operária e Acampamento do DNOCS, em que me refiro nesse trabalho são nomes atribuídos a um mesmo espaço. “Inicialmente o local recebeu o nome de “Acampamento”, depois conhecido por “Vila operária” e, hoje por simplesmente o DNOCS”.

constituí como cidade. Mas sim tentar compreender como se dar a dinâmica do processo que vem modificá-la e a partir de quais perspectivas tais transformações implantadas na cidade é vista como processo construtor do espaço urbano.

Com base no exposto, essa monografia está organizada em três partes: A primeira parte do trabalho, intitulada: “*A açudagem como recurso no combate aos efeitos da seca no Nordeste e na Paraíba década de 1930*” tem como foco central a discussão em torno da seca e a política de açudagem como alternativa para lidar com as estiagens em diversos estados do Nordeste e em especial na Paraíba.

Sabemos que a historiografia sobre as secas é complexa, mas é necessária e fundamental para que se possam compreender quais os fatores e agentes sociais foram necessários para a concretização desses açudes nos estados do Nordeste, bem como as implicações dessa política de açudagem para a população mais pobre do estado. Para esses fins a estratégia metodológica utilizada foi à análise documental através do levantamento de obras publicadas sobre a temática, estas por sua vez expostas em livros, artigos científicos, e documentos em geral disponíveis em biblioteca e na internet, que abordam a questão das secas no Nordeste e a política de açudagem nos estados.

A segunda parte intitulada “*O açude como propulsor do progresso urbano na cidade de Coremas-PB*”, discute a construção do açude na cidade de Coremas, e de que forma esta obra interagiu nesse espaço e na cidade coremense durante esse período. Portanto, elucidar como se atribuiu aos açudes à responsabilidade de implantar uma nova dinâmica à cidade de Coremas. Uma vez que as cidades deveriam tornar-se um espaço habitável e higiênico, correspondendo ao ideário de modernidade vigente em outras cidades do mundo e do Brasil na época. Para a elaboração desse capítulo apoiou-se no referencial teórico sobre a modernidade ditada naquele momento. Por acreditarmos que, para se compreender a construção do açude e suas transformações em Coremas, necessárias se faz uma abordagem sobre o contexto em que estavam inseridos. Além de obras de autores locais utilizadas como norte para elaboração desse capítulo como: Rita de Cássia Gregório Andrade, Edivaldo Brilhante da Silva, Emmanoel Rocha Carvalho. Que nos informam muito sobre a história da cidade nesse momento.

A terceira e última parte intitulada “*Mudanças e permanências no bairro do DNOCS: uma síntese possível*” parte de uma descrição do bairro nas décadas de 1930 e 1940, apresentando as diversas transformações ocorridas nele e como estas contribuíram para uma nova estrutura física da cidade. Concluindo o capítulo discutimos por que esse espaço não conseguiu progredir com todo seu aparato moderno? Por que percebemos a descontinuidade

de toda uma estrutura montada? Entre as fontes possíveis para essa análise compreendemos a utilização de fotografia e de depoimentos como um instrumento que apresenta das variadas transformações que se abateram sobre a vila do DNOCS na década de 1930. Além do estudo de campo, utilizado como uma das formas de expor a veracidade da pesquisa, e a seriedade do trabalho, a partir de uma análise precisa dos dados e de uma compreensão mais detalhada do local, em que decidimos estudar.

CAPÍTULO 1:

A AÇUDAGEM COMO RECURSO NO COMBATE AOS EFEITOS DA SECA NO NORDESTE E NA PARAIBA DÉCADA DE 1930.

1.1 Considerações sobre a açudagem.

O termo açude deriva do árabe, *as-sudd*, significando uma barragem e a extensão de água represada artificialmente, cuja finalidade primária é o abastecimento humano.⁴ De acordo com François Mole (1994), no Nordeste, a questão da açudagem é uma ação tão antiga quanto, os primeiros tempos da colonização brasileira pelos portugueses, e que ao longo dos tempos foi sendo reelaborada e utilizada como fonte de abastecimento de água nos tempos de seca.

Na verdade, os açudes passaram a se constituir como uma estratégia indispensável para equipar um território em longos períodos de estiagens. Consequências socioeconômicas de secas, como a de 1877, funcionou como um importante impulsionador de medidas governamentais em nível nacional, principalmente na questão da açudagem. Que se inicia no Nordeste a partir das comissões científica e técnicas enviadas pelo Governo imperial e posteriormente pelo Republicano.

Segundo Lúcia de Fátima Guerra Ferreira com a seca de 1877 foi apontada algumas iniciativas sobre o problema das estiagens prolongadas, estudos e pesquisas chegaram a ser feitos, porém de forma aleatória, até a criação de órgãos específicos tais como a IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas), IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) e o DNOCS (Departamento nacional de Obras Contra as Secas). Ressaltando que apesar das primeiras ações terem sido iniciadas com a seca de 1877, as providências, que podem ser consideradas efetivas só vieram a se concretizar 30 anos mais tarde em 1909 com a criação do IOCS.

Fruto de uma articulação política que envolveu dirigentes dos estados do Nordeste e intelectuais preocupados com o embaraço que o atraso dos sertões representava para seu projeto de uma nação moderna. A IOCS direcionou suas ações iniciais para o reconhecimento científico do espaço sertanejo. Embora as ações realizadas pela IOCS tenham sido extremamente importantes para a realização das obras destinadas ao combate à seca. Durante o governo de Epitácio Pessoa esse mesmo órgão (IOCS), passa a ganhar um novo impulso. Vindo á dispor de uma maior parcela de recursos para as obras de açudagem na região.

⁴ CAVALCANTE, Arnóbio de Mendonça Barreto. **Fragmentação e destruição da caatinga pela açudagem. 2009 São Lourenço – MG.**

Em 1919 passa a se chamar IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) conforme o decreto 13.687, que tinha o objetivo de desenvolver um estudo mais detalhado sobre a região semiárida. Estudos geológicos, hidrológicos, botânicos, geográficos, mineralógicos como também construção de açudes e barragens, tornou-se prioridade para esse órgão.

Procurando pôr em prática metas mais amplas, em 1945 este mesmo órgão passa ser substituído pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), sob o Decreto-lei 8,846 cujo intuito era de combater a seca em qualquer parte do país. Agenciado por uma série de cientistas tanto brasileiros como estrangeiros. Estes órgãos foram capazes de detectar, nas grandes bacias dos rios temporários, locais que fossem favoráveis a construção de açudes de grande capacidade de retenção de água.

A escolha dos locais para a construção desses açudes não foram aleatórias. Os estudos promovidos consideravam que eram importantes e necessários estudos mais aprimorados dessas localidades para averiguar a disponibilidade das fontes de água superficiais e subterrâneas existente. Só assim seria possível a construção de açudes.

O açude cuja construção pretende fazer oferece as seguintes vantagens: a) ser situado em terra irrigava e excelentes para plantação de canna de açúcar, algodão, etc., etc., b) ser distante, algumas léguas, de outros açudes, c) ser centro de muita criação e elevada população. (DNOCS, Arquivo da sede regional 2, pasta Quixeramobim n.28) (sic.)⁵

Conforme o Relatório da Comissão de 1923, a localização para a construção dessas obras, era em grande parte definida pelas possibilidades oferecidas pelo terreno, mais do que pela ocupação humana existente.

Taes obras não podem ser facilmente difundidas, pois dependem de condições naturaes para as barragens, impondo-se, assim a concentração dos núcleos populosos, em uma área relativamente pequena, a que todos são forçado a chegar-se nas secas prolongadas. (REVISTA BRASILEIRA DE ENGENHARIA, 1923, P.60) (sic.).

A partir dos aspectos geológicos e geomorfológicos, entre outras características apresentadas nessas localidades, cujos terrenos facilitavam o escoamento superficial e a baixa capacidade de infiltração da água no solo, desvendaram uma política predominantemente hídrica, sendo possível a construção de um número expressivo de açudes e barragens em toda a região.

⁵ A ortografia e pontuação das citações deste trabalho foram mantidas de acordo com os documentos originais, inclusive os eventuais erros tipográficos e de redação desde que esses não comprometam o entendimento do texto.

De acordo com Mendonça (2010), após a criação da IOCS até o ano de 1930 foram construídos cerca 87 açudes no Nordeste. Dados que podem ser comprovados no quadro abaixo.

**QUADRO 1:
AÇUDES CONSTRUÍDOS APÓS A CRIAÇÃO DO IOCS ATÉ O ANO DE 1930**

ESTADOS	Nº DE AÇUDES
Piauí	8
Ceará	32
Rio Grande do Norte	23
Paraíba	10
Pernambuco	3
Sergipe	1
Bahia	10
TOTAL	87 açudes

Fonte: (MENDONÇA, 2010, P. 29).

**QUADRO 2:
BARRAGENS E AÇUDES PÚBLICOS CONSTRUÍDOS PELO DNOCS
ENTRE 1930- 1959.**

ESTADOS	Nº DE AÇUDES
Piauí	2
Ceará	14
Rio grande do Norte	14
Paraíba	20
Pernambuco	15
Alagoas	11
Sergipe	6
Bahia,	12
Minas Gerais	3
Total	97 açudes

Fonte: D.N.O.C.S., 1965, p. 54; apud (MENDONÇA, 2010, P. 31).

Desta forma nota-se a importância que os estudos priorizados por estes órgãos, tiveram em meio ao processo de açudagem. Mesmo sendo de forma degradada e diante de todas as dificuldades originadas, as mesmas conseguiram criar dinâmicas eficazes viabilizando a execução de um plano de combate aos efeitos das secas que constantemente afeta a região Nordeste. Não nos esquecendo, que ao tratarmos de políticas públicas, elas

serão sempre sujeitas a problemas, muitas das vezes não consegue obter resultado satisfatório, mais que no fundo possui suas magnitudes.

Diante disso cabe aqui ressaltar que, para analisar o processo que envolve a política de açudagem, como alternativa de combate à seca no Nordeste, a atuação efetiva destes órgãos deve ser considerada. Uma vez que, como entidades governamentais desempenharam ação de extrema importância durante todo o processo assistencialista no Nordeste. Desde estudos até a efetivação das obras sendo praticamente as únicas agências governamentais Federais executoras de obras de engenharia na região. Que enquanto permaneceram integraram forças sociais efetivamente representativas, cumprindo papéis previamente definidos. Tornando-se assim, alicerce necessário para execução das obras de açudagem.

A partir dessas considerações, e centrando apenas no que se refere o processo que envolve a política de açudagem como solução da seca, é importante esclarecer que a política de açudagem não foi uma ação aplicada, apenas com o diagnóstico feito por entidades Federais, mas também por uma série de debates político científicos. Antes mesmo da criação desses órgãos à açudagem já era enunciada por políticos como a própria população Nordestina. Em razão aos efeitos catastróficos da seca, almejando uma maior atenção e auxílio do governo central.

1.2 Discursos proferidos com o processo de Açudagem

Não apresentando uma grande diferenciação das tantas outras políticas implantadas em combate à seca, a política de açudagem foi objeto de um amplo debate, no qual colocava a mesma como sendo a ação mais significativa para solucionar o problema dos flagelados da seca.

De acordo com Mole (1994), foram travados debates estrondosos tanto por parte de propugnadores e oponentes acerca da açudagem. Dentre essas vozes está a do senador Eloí de Souza em favor da política de açudagem:

Pedimos licença ao sábio mestre para ponderar que sem açudes não haveria mais Nordeste. Eles são fontes de vida e progresso e nunca de decadência e morte. A aspiração máxima do sertanejo é poder dotar a sua propriedade com esse benefício, que não só é suprimento d'água para todos os fins pastoris e de uso de casa, como e também garantia de prosperidade e abundância.

Em outras palavras ele solicita:

Tomo, entretanto, a liberdade de ponderar a Sua Excelência que não o exclua do seu plano de obras preventivas contra os efeitos das secas a grande

açudagem. Não a quero nem a pleitearia jamais como tipo comum e normal; mas ela se recomenda e impõe em pleno coração da terra sertaneja para evitar que nas calamidades excepcionais busquem o litoral, favorecendo as epidemias, as grandes massas tangidas pela fome.

Assim como o discurso do senador Eloí de Souza, em defesa da política de açudagem, teve também o discurso do desembargador Phelippe Guerra por sua inegável competência e conhecimento do Sertão (MOLLE, 1994). Segundo Guerra no livro “seca contra seca” citada por François Molle “era preciso desconhecer por completo o Nordeste para pôr em dúvida a urgente necessidade da construção de açudes”. Em outro discurso ele ainda ressalta:

Para o Nordeste, o meio mais fácil, mais simples, para a consecução desse suprimento, tão essencial a sua economia, é o açude, e a açudagem. O açude é um prolongamento do inverno, nos anos normais; é um “inverno”, nas crises das secas. (GUERRA, 1989, pág. 93 apud. SILVA, E. O; SOARES, E. T. 2012).

Do mesmo modo vários discursos foram produzidos em prol da política de açudagem. Segundo Silva e Soares (2012), outro nome envolvido com a política da açudagem, foi do paraibano Eptácio Pessoa enquanto presidente da República procurou sanar o problema que afetava diretamente a vida do sertanejo, favorecendo em seu governo a construção de grandes açudes, principalmente no estado da Paraíba.

Além do paraibano Eptácio Pessoa, José Américo de Almeida, na sua gestão como Ministro da Viação e Obras Públicas defendia a implantação da açudagem fervorosamente:

Mas o que convém, precipuamente, como correção da natureza semi-árido do nordeste, é armazenar água copiosa que, distribuída irregularmente, se escoava pelo seu solo impermeável e declivoso. Obstar essa perda pela açudagem em larga escala é a solução directa do problema da sêca, visando estabilizar a população sujeita a um desastroso nomadismo e aproveitar terras propícias a todas as culturas agrícolas (ALMEIDA, 1982, p.379 *apud.* SILVA, E. O; SOARES, E. T.). (sic)⁶

Em meio à defesa da açudagem pública, a açudagem particular também era apresentada nos discursos de José Américo tanto no seu cargo de ministro da Viação e Obras Públicas como no de governador da Paraíba.

(...) O açude particular, como já acentuei em meu relatório anterior, constitui um precioso elemento subsidiário na correção dos efeitos da seca. Si não é um fator de transformação econômica da região, representa uma solução individual que tem evidenciado a maior utilidade, permitindo, em longos períodos de estiagem, que as fazendas se mantenham, como

⁶ BARBOSA, Jivago Correia. **Política e assistencialismo na Paraíba: o governo de José Américo de Almeida (1951-1956)** - João Pessoa: 2011.

verdadeiros oásis, em meio à devastação geral, no seu regime de trabalho agrícola. (ALMEIDA, 1982, pp.166, 167 apud. BARBOSA, 2011. P, 74.).

Sendo essa última, uma proposta bastante questionada, segundo Barbosa (2011), no momento que José Américo, apresentava a açudagem particular como uma forma de também combater a seca nas localidades, ele estabeleceria uma relação de favores junto aos líderes políticos locais que, na sua grande maioria, eram os donos das grandes fazendas as quais se destinavam prioritariamente as obras, mantendo e ampliando os seus redutos eleitorais. Propiciando assim a sua representatividade junto à elite política paraibana. Essa atitude de certa forma fugiria da proposta que a açudagem apresentava de início, cuja prioridade era atender os mais necessitados.

Juntadas as falas políticas, outros discursos como a dos próprios engenheiros politécnicos chegaram a ser produzidos a favor da necessidade de açudes no Nordeste, segundo eles, acreditava-se que a açudagem viria propiciar aos poucos a água necessária à população sertaneja para uso doméstico, para o gado, como também para os serviços da lavoura – mesmo em períodos de estiagens – promovendo uma produção regular da lavoura com o auxílio da irrigação (MEDEIROS, SILVA p.69).

Eng.º Vinícius Berredo 1950

O açude nas condições especiais de clima do Nordeste e na plenitude de suas funções intrínsecas é aguado, para alimentação do homem e dos rebanhos; é campo de pesca; é centro de produção agrícola, nas vazantes; é reservatório de acumulação de água para irrigação sistemática; é obra de regularização de regime, de defesa contra as cheias; é fonte potencial de energia. (BÊRREDO, 1950, pág. 54 apud. SILVA; SOARES, 2012).

Além dessas intermináveis vozes a favor da política de açudagem, existiam as que se mostravam contrárias como é o caso do engenheiro Clodomiro Pereira da Silva, “os açudes não têm nenhuma utilidade e além de emprestáveis, o seu liquido não só dia a dia se reduz sensivelmente pela evaporação e infiltração, como se poluem, transformando-se em fonte de várias moléstias.” (MOLE 1994).

Dentre esses discursos vários outros foram sendo produzidos ao longo dos tempos, cada um em seu lugar de enunciado, mas todos com a mesma finalidade. Para Monteiro (2011), o objetivo desses sujeitos era legitimar o reservatório perante a sociedade como um empreendimento que proporcionaria abastecimento d’água, uma agricultura mais produtiva e, principalmente, a resolução das secas. Eram vozes respeitáveis que por meio de seus discursos fariam com que o governo Federal se comovesse e ajudasse o povo do sertão brasileiro não

somente os mais abastados da população que se viam castigadas pela estiagem, mais também os próprios fazendeiros, donos de terras, políticos e todos aqueles que se viam prejudicados financeiramente.

De acordo com Melo (2012), na maioria das vezes esses discursos aparecem somente como justificativa para a solicitação de recursos, de investimentos, e chamar atenção para obter benesses às pessoas ligadas as suas elites. Dentro dessa visão cabe citar Gaspar (2009), “Seca no Nordeste brasileiro”, segundo autora, a seca apesar de trata-se de um fenômeno natural característico de uma determinada região a mesma é capaz de gerar interesses escusos tanto da parte daqueles que têm influência política, ou são economicamente poderosos, que procurava eternizar o problema e impedir que ações eficazes fossem adotadas.

Portanto as falas que anunciam esta compreensão estão de acordo com o que Durval Muniz Albuquerque júnior “Falas de astúcia e de angustia: a seca no imaginário nordestino de problema á solução (1877-1922)” com relação aos discursos, ele afirma que estes são compostos por uma multiplicidade de elementos discursivos, que são utilizados por diferentes agentes sociais, que com eles elaboram seus discursos tendo sempre em mente alcançar um objetivo, que e político, que depende de luta. Por isso, consideramos toda formação discursiva como uma formação tática, como fazendo parte de uma estratégia que permite um dado agente social alcançar um objetivo.

Diante desses fatos e em comum acordo com a fala colocada pelo autor é possível compreender que a política de açudagem como sendo uma política assistencialista, não foi uma ação que partiu, apenas pela necessidade calamitosa que a região Nordeste apresentava em razão da seca, mas também pelos incentivos prestados nos discursos produzidos por políticos e detentores do poder, que almejavam a implantação da açudagem no Nordeste.

Na verdade eram discursos tão convincentes, em torno da açudagem como sendo essa “a solução”, que se torna difícil acreditar na terrível crise hídrica que nosso país passa atualmente. Principalmente no Nordeste, onde o abastecimento de água está sendo feito por carros-pipas que retira água de grandes barragens, que ainda possui um alto índice de reserva d'água, como é o caso do complexo Estevem Marinho/mãe d'água na Paraíba, Limas campos no Ceará e tantos outros açudes. Que além de abastece a população do próprio estado, fornece água ainda para outros estados também. Onde já ocorreu o esgotamento das reservas hídricas.

Apesar de toda fragilidade das políticas públicas, principalmente a política de açudagem no Nordeste, considerada por muito uma “política falha” vale, lembrar que

açudagem até hoje continua sendo uma das principais formas de abastecimento d'água da população Nordestina. E que apesar de ser uma ação elaborada há muito tempo atrás, ela continua sendo para os governantes brasileiros, a única alternativa para suprir os períodos de seca.

Tratando-se do momento crítico que os estados brasileiros estão enfrentando com a estiagem, uma das soluções prevista para enfrentar longos períodos sem chuva ainda seria a construção de açudes. De acordo com o superintendente do DNOCS na Paraíba, Avani Ponce, “a crise hídrica que estamos enfrentando ultimamente é apenas uma oportunidade para construção de mais açude na Paraíba.”.

O problema da água mostra que, se não fosse os grandes equipamentos construídos pelo órgão no Estado, os paraibanos não conseguiriam sobreviver à estiagem no semiárido. Acho que o momento é oportuno para se buscar condições e recursos que possibilite a construção dessas barragens e açudes de pequeno, médio e até de grande porte. Se tivermos açudes temos acumulação d'água podemos prolongar por alguns anos estiagem como estamos tendo. (PONCE, 2015)

Assim como o parecer do superintendente Avani Ponce sobre a construção de mais açudes como alternativa para suprir com a falta d'água. Outras vezes são remetidas a mesma questão nesse momento. Como o pronunciamento do presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba, Adriano Galdino cujo discurso refere-se à cobrança de medidas efetivas para minimizar o sofrimento dos paraibanos com os efeitos da seca. Deste modo afirma que:

A Paraíba vive seu quarto ano seguido de seca. Mais uma vez, o cenário de pasto escasso, solo degradado e falta de chuvas é uma triste realidade de muitos dos nossos municípios. Hoje, 197 cidades estão em situação de emergência. O povo tem sede. (...) estamos aqui para conclamar um olhar urgente, no sentido de buscar soluções para diminuir os danos causados pela seca na Paraíba. O governo do Estado tem feito seu papel na construção de obras e na realização de ações para que os paraibanos possam conviver com a estiagem. Mas o Governo Federal precisa criar políticas públicas urgentes para a nossa Região. (...) no nosso Estado são 812 mil pessoas sofrendo com a seca. (...) a estiagem, que castiga nossas terras há quatro anos, fez secar vários açudes. A água para a lavoura e para o gado acabou faz tempo. Nosso interesse é a necessidade dos paraibanos, que neste momento são obrigados a conviver com a estiagem e que estão cansados de tantas promessas. (...) o povo da Paraíba têm sede e urgência de água em seus reservatórios. (Discurso em 19/05/2015, Plenário da Casa de Epitácio Pessoa).

Além desse discurso é interessante acentuar aqui o discurso do Deputado da Amauri Teixeira feito a Câmara dos Deputados em 2013.

Sr. Presidente, eu volto para falar da seca mais uma vez. Quero aqui, pelo menos, ler alguns trechos de um especialista em recurso hídrico, o

engenheiro Manoel Bomfim Ribeiro. Ele faz um histórico da seca. Chama a atenção para o fato de a seca, como sabemos ser um fenômeno previsível; chama a atenção, inclusive, para os mecanismos pelos quais podemos ver a seca; chama a atenção nesse artigo para a periodicidade da seca – inclusive a série histórica prova que a cada 26 anos nós temos as chamadas grandes secas, as secas mais radicais; e chama a atenção – aqui eu quero ler, Sr. Presidente, o artigo, porque ele faz afirmações interessantes – para o fato de que o Semiárido de quatro Estados do Nordeste, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. E aí ele chama a atenção, Sr. Presidente, para a epopeia nordestina de criar mecanismos sobretudo de barragem e de açudagem.(...) (Discurso em 05/02/2013 – Câmara dos Deputados).

Diante de todas essas falas é possível compreender que, embora tratem de um momento atual, os discursos elaborados a respeito da seca, não se diferem dos vários outros produzidos no passado. Assim como foi apresentado anteriormente. Esses discursos não deixam de ser uma herança adquirida ao longo da história da seca, dos quais muitos políticos pegavam carona nos discursos de intelectuais. Como o discurso apresentado pelo Deputado Amauri Teixeira do qual se utiliza do texto do engenheiro Manoel Bomfim Ribeiro para fazer seu pronunciamento sobre a seca. No entanto se analisamos esses discursos de forma minuciosa são muitas as considerações que podem ser feitas.

De tal modo ao tratarmos especificamente da política de açudagem sob discursos políticos, cabe analisá-lo em duas etapas: A primeira no convencimento de mostrar a política de açudagem como sendo a melhor solução para a seca. A segunda em trazer a implantação dessas obras para estados, que no caso seria outra questão. Já que não bastava somente se convencer que a açudagem era melhor alternativa para sanar com os efeitos originados pelas estiagens. Também era necessário brigar junto às instâncias Federais para que pudesse usufruir da “política salvadora” no caso a açudagem. Mostrando assim, a necessidade que os estados tinham em obter a água.

1.3 Açudagem na Paraíba década 1930

Assim como os demais estados do Nordeste, o estado da Paraíba tornou-se palco de políticas assistencialistas de combate aos efeitos da seca, principalmente no que se refere à chamada “política de açudagem”, que agia sempre na tentativa de suprir a carência hídrica nas regiões. Em razão as características físicas e climáticas que este estado apresenta, o mesmo foi marcado historicamente pela retórica da solução hidráulica no combate à seca. Especialmente na década de 1930 cujas políticas assistencialistas de combate aos efeitos da seca, estavam totalmente voltadas para distribuição de grandes barragens.

Diferente das demais políticas implantadas no Nordeste em combate as grandes estiagens que assolavam parte da população nordestina, os açudes surgem sob uma nova perspectiva, no qual coloca o açude sendo o capaz de levar a verdadeira prosperidade à população que se viam aflita com a seca.

É importante salientar que a implantação desses açudes não se fundamentou apenas pela necessidade que os estados apresentavam em razão da seca, mais sim através das motivações acendidas por representantes de cada estado, que dispunha de cargos maiores junto à esfera Federal. Ao contrário disso não haveria nenhum investimento que viesse atender os problemas relativos à seca nesses estados.

No caso do estado da Paraíba, a política de açudagem só passou a se fundir por meio do incentivo prestado por representantes paraibanos que atuavam junto ao Governo central, nesse caso é importante citar Martinho Guedes dos Santos Neto em seu livro “Os domínios do Estado: a interventoria de Anthenor Navarro e o poder na Paraíba (1930-1932)” que ao tratar da construção de açudes na Paraíba faz alusão ascensão Eptácio Lindolfo da Silva Pessoa (Eptácio Pessoa) a presidência da república sendo ele o então responsável por iniciar processo de açudagem na Paraíba.

Com a posse de Eptácio Pessoa a presidência da república a Paraíba viu estruturada uma ampla rede de serviços que em última análise, pretendia combater a seca e garantir a população melhores condições de superação da ação do flagelo. Uma nova fase para o nordeste. (SANTOS NETO, 2007).

Porém, essa nova fase não se referia somente em atender ao Nordeste como todo, mas principalmente o estado da Paraíba, já que o representante se tratava de um paraibano, e como presidente da república procurou dar uma maior prioridade ao seu estado, propondo medidas efetivas que viesse atender as necessidades da população assolada pela seca.

Entretanto as obras destinadas ao estado da Paraíba pelo então presidente não chegaram a ser concluídas, dentre elas estavam os projetos idealizados pelo IFOCS a construção de três grandes açudes Públicos. (São Gonçalo, Coremas, e Piranhas) entre outros açudes incluindo açudes pequenos, médios, públicos e privados. Por isso a continuidade dessas obras só veio realmente concretizar a partir da nomeação José Américo de Almeida ao cargo de ministro da viação e obras públicas 1932, quando o governo Federal autorizou o início de muitas obras nas regiões atingidas pela seca que assolava parte da população naquele momento.

Vale lembrar que esse não se tratou de um processo ágil, mas sim, ajustado em longos intervalos de tempo. Nessa perspectiva podemos observar a enorme temporalidade existente entre as duas gestões, a de Epiácio Pessoa como presidente da república, e a gestão de José Américo de Almeida como ministro da viação e obras públicas. Uma vez que as obras só ganharam prioridades no estado por meio desses dois representantes. Cuja responsabilidade de um foi de iniciar essas obras, já o outro em concluir.

Isso se justifica pelo fato do sucessor de Epiácio Pessoa, o presidente não seguir com a mesma lógica, apresentada por Epiácio Pessoa em agenciar esses estados em razão das secas. Assim por meio de um decreto o presidente Artur Bernardes⁷ provindo de um discurso que não existia seca no Nordeste. Interrompe com todas as obras públicas destinadas ao combate à seca, principalmente a construção de açudes.

Exemplo do decreto expedido pelo presidente Artur Bernardes é apresentado por Isaías de Oliveira Ehrich em sua dissertação de mestrado “Entre os Apitos da Casa-de-Força, A Barragem: da análise textual à sala de aula (2009)” em relação à construção do açude de São Gonçalo localizado na cidade de Sousa sertão paraibano, sendo o mesmo produto dessa política assistencialista no combate à seca. .

As primeiras atividades para a construção deste Açude tiveram início em 1921 pela empresa norte-americana DWIGHT P. RIBINSON & Cia. Esta obra tinha a previsão de término para 1925, no entanto em 1923 os trabalhos para a construção desta barragem foram suspensos, por ordem do então Presidente da República Artur Bernardes e os contratos com a empresa norte-americana foram rescindidos. (FREITAS, 1999 apud EHRICH 2009).

Essas medidas tomadas pelo então presidente justificavam-se na contestação dos gastos, e em rigor das medidas econômicas. Porém segundo Santos Neto (2007), pode se observar que a redução desses gastos não estavam de comum acordo com o que foi relatado pelo presidente. Mas sim em manobrar outros interesses como, por exemplo, os investimentos direcionados a outras regiões.

Mesmo com toda essa discordância política a Paraíba se mostrou não apenas como um caso isolado em meio ao processo, que envolvia as políticas assistencialistas no estado mais sim ficando como um dos percussores em construções de açudes, principalmente nos anos referente à década de 30 á 40. Dados que podem se evidenciados no quadro apresentado por Mairton Dantas Castelo Branco “Açude Itans – Uma discussão das políticas hidráulicas”. Onde expõem de forma sistemática os principais estados priorizados com a política hidráulica, a quantidades de açudes construídos no decorrer dos anos e a capacidade hídrica de cada um.

⁷ Epiácio Lindolfo da Silva Pessoa, Período de Governo: 1919 a 1922. Arthur da Silva Bernardes, Período de Governo: 1922 a.1926. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes.>> Acessado em: 6 Novembro de 2015.

**QUADRO 3:
AÇUDES PÚBLICOS POR DECÊNIO E POR ESTADO CAPACIDADES EM
MIL METROS CÚBICOS.**

Quadro 1 AÇUDES PÚBLICOS CONSTRUÍDOS POR DECÊNIO E POR ESTADOS CAPACIDADE EM MIL METROS CÚBICOS								
Estado	Até 1920		1921-1930		1931-1940		1941-1950	
	Qt.	Capacidade	Qt.	Capacidade	Qt.	Capacidade	Qt.	Capacidade
Piauí	7	13.910	1	911	-	-	1	54.600
Ceará	21	348.321	15	185.525	6	670.432	1	4.571
R.G. Norte	22	46.608	3	37.866	6	138.611	-	-
Paraíba	4	4.201	8	14.289	8	405.236	1	720.000
Pernambuco	1	205	2	735	6	51.085	1	275
Alagoas	-	-	-	-	1	3.738	1	1.298
Sergipe	1	115	-	-	1	824	-	-
Bahia	5	7.552	5	12.434	4	33.177	-	-
Minas	-	-	-	-	-	-	-	-
Gerais								
Total	61	420.912	34	251.760	32	1.303.103	5	780.744

Fonte: Quadro 1 do Livro A Civilização da Seca (1981:120) Paulo de Brito Guerra

Fonte: (Castelo Branco, 2003).

Portanto é por meio desses dados apresentados pelo autor, que podemos comprovar a colocação do estado na canalização de recursos, como sendo um dos pioneiros na construção de barragens. Perdendo apenas pro Ceará e Rio Grande do Norte. Segundo o discurso oficial, argumentou-se que os referidos Estados eram os mais populosos, possuía condições topográficas e mesológicas próprias para a construção de açudes sendo esses os mais atingidos pelas estiagens. Muito se sabe que não foi somente pelas condições apresentadas pelos estados, mas, sim onde havia uma maior representatividade.

Inicialmente a Paraíba não tinha sido contemplada para a construção dessas obras, porém com o prolongamento da seca 1931/32, e sob os auspícios do Ministério de Viação e Obras Públicas do Governo Provisório de Vargas, dirigido com decisão férrea pelo paraibano José Américo de Almeida, reiniciaram-se os trabalhos de açudagem no sertão. Porem durante firmação do Decreto 19.726, de 20.02.1931, decretado pelo Governo Federal, dentre quais constavam os programas de construções de açudes no Nordeste do país, com a finalidade de combater os efeitos dos flagelos das estiagens (a seca).

No entanto como estamos propondo uma análise da implantação de políticas públicas, principalmente ao que diz respeito à política de açudagem no Estado, utilizaremos o sertão paraibano enquanto categorias de investigação dessas obras assistencialistas que veio a tona em meio à seca de 1932, sendo essa o marco para a construção de grandes açudes no estado.

O Açude Estevam Marinho cerne deste trabalho, construído ainda no século passado, precisamente na década de 1930 na cidade de Coremas-PB. Ele representa uma das modalidades de intervenção estatal na tentativa de combater com o fenômeno periódico das secas principalmente na cidade de Coremas. Que ao longo de sua existência foi e continua sendo muitíssimo importante para o abastecimento da cidade e tantas outras cidades. Diante da falta d'água que o estado da Paraíba está enfrentando ultimamente.

No entanto ao tentarmos compreender a importância dos recursos hídricos observa-se que são de relevantes valores para a promoção do bem-estar de uma sociedade. Historicamente a política de açudagem por si só, ainda não foi suficiente para resolver os problemas de abastecimento de grande parcela da população dessa região. Contudo, no rol das alternativas de abastecimento das populações nordestinas, a açudagem é considerada como uma das mais importantes. Além da perfuração de poços e construção de estradas, e o abastecimento por carro-pipa.

Desta forma não se pode negar a grandiosidade desses açudes para o Nordeste nos momentos de seca. Apesar das falhas, a quem a ela foi atribuída. E sua existência sob discursos manipuladores. Eles não proporcionaram somente o abastecimento d'água já que se tratava do seu objetivo inicial. Mais também transformação sócio espacial para esses locais. Segundo João Suassuna – Eng. Agrônomo e Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco o açude foi sem sobra de dúvida um agente exógeno responsável pela introdução de profundas modificações na paisagem.

CAPÍTULO 2: CAPÍTULO 2: O AÇUDE COMO PROPULSOR DO PROGRESSO URBANO NA CIDADE DE COREMAS-PB

2.1 Histórico do município

A área de estudo desta pesquisa compreende o município de Coremas localizado na microrregião de Piancó, na bacia do rio Piranhas. De acordo com os dados do IBGE sua população é de 16.253 habitantes; área territorial de 379 km². Coremas faz limite com os municípios São José da Lagoa Tapada, São Domingos de Pombal, Pombal, Piancó, Catingueira, Emas e Aguiar. Considerado um importante polo pesqueiro da Paraíba por conter em sua paisagem o maior complexo hídrico do estado: Açude Coremas-Mãe d'Água.

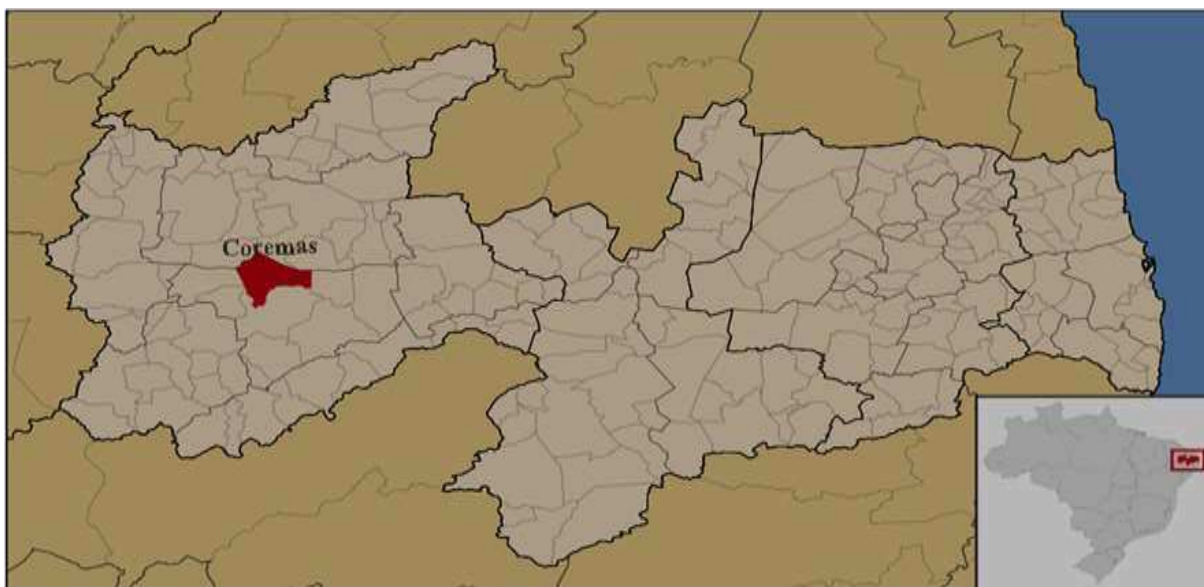


Figura 01- Coremas – PB localização da cidade.

Fonte: Google maps.

Para entender o desenvolvimento na cidade de Coremas, faz-se necessário contar um pouco de sua formação. Sua origem está relacionada aos nativos que viviam nessa região. Os mesmos encontraram no espaço onde hoje está localizada a cidade muitos atrativos onde havia uma rica vegetação e a facilidade de encontrar água.

Os principais nativos que aqui viveram foram da tribo curema, pertencentes à grande nação Cariri, que habitavam todo interior paraibano. Os índios Curema ficaram famosos por serem guerreiros e corajosos entre as outras tribos, como no contato direto com o homem branco. Porém, as lutas sangrentas que matavam os conquistadores das terras e os índios que nelas habitavam, só começaram a diminuir no início do século XVIII, quando as principais

tribos da região: os Curema e Panati se uniram para combater os invasores de suas terras, representado aqui pelo homem branco (os portugueses). O coronel Manoel de Araújo Carvalho sentindo a impossibilitado de dominá-los por serem, guerreiros valentes, propôs uma política de aliança com o cacique, através de três índios capturados por ele, dos quais tornaram amigos, foi uma negociação que lhe propôs uma negociação entre ambas às partes. . .

Contra os Curema e mais tribos do Piancó o governo geral da Bahia fez descer Manuel de Araújo, velho guerreiro do Sertão, morador na Margem esquerda do São Francisco. Após reencontros e guerrilhas, o enviado de D. João de Alencastro obteve a paz e aliança dos Coremas por meios diplomáticos. [...] (MARIZ, 1922, p. 36 apud ANDRADE, 2008, p. 59). (sic).

Dáí por diante a região passa a ser habitada com relativa segurança pelos fazendeiros colonizadores. Segundo o escritor coremense Edivaldo brilhante da Silva Filho consta que os fundadores da cidade de Coremas seriam os fazendeiros e comerciantes, João Soares Evangelista, Manoel Gonçalves Piranhas, Antônio Moreira de Oliveira e Antônio Lucas de Lacerda, por terem sido eles que lutaram pelas terras em que hoje se situa a cidade de Coremas Paraíba.

Tradicionalmente, vamos encontrar como sendo fundadores de Coremas, os fazendeiros e comerciantes: Srs. João Soares Evangelista, Manoel Gonçalves Piranhas, Antônio Moreira de Oliveira e Antônio Lucas de Lacerda. Merecem as honrarias por tal empreendimento, uma vez que em suas terras foram erguidas as primeiras casas na área onde hoje se situa o núcleo urbano. (SILVA, 1996).

Com um total aproximado de 26 casas, muitas delas de taipas para moradias e um incipiente comércio. A principal atividade na cidade era a agropecuária, sendo que o comércio era configurado na venda dos produtos locais como o milho, o feijão, a cana-de-açúcar, a mandioca e o algodão. Oficialmente, surge em 1911, quando da divisão administrativa do Brasil, configurando com o nome de "Curema" distrito da cidade de Piancó, posteriormente 1938 o povoado se tornaria vila, depois cidade em 1954.

De acordo com a narrativa histórica da cidade à construção do açude público Estevam Marinho, foi essencial para o desenvolvimento da cidade. Segundo Andrade (2008), a construção do açude teve uma forte influência na criação oficial do município e da cidade de Coremas, devido ao conseqüente aumento populacional e a chegada de vários elementos modernos que com ele foi originado. Conforme a Revistas Brasileiras dos Municípios a vila de Curema, em 1950 contava com 2 982 habitantes.⁸ A carta abaixo-assinado feito pela

⁸Revista Brasileira Dos Municípios. N.º 30 Anos VII – Abril/Junho I 9 55.

população pedindo a emancipação da cidade de Coremas. Apresenta as benfeitorias ocorridas com a construção do açude.

Edifício de vulto, a Vila apresenta além dos dois grupos citados, um cinema próprio e um moderno e bem instalado hospital, consultório e gabinete dentários, perfeitamente aparelhados para cuidar da saúde do povo, com automóvel de pronto socorro, sob a direção de médicos e dentistas diplomados, servidos ainda por hábeis enfermeiros. Não é só. No setor da saúde, dispõe, ainda, de uma maternidade com moderna instalação em perfeito e regular funcionamento. ((CARTA DE ABAIXO-ASSINADO, 1953) apud ANDRADE 2008, p. 86).

Portanto foi através desse melhoramento entre vários trazido pela construção do açude que a cidade de Coremas pode se elevar a cidade em 1954.

2.2 Açude Estevam Marinho



Figura 02-Vista do açude Estevam marinho⁹

Fonte: Google imagem

Foi em 1936 quando o Presidente do Brasil Getúlio Vargas junto com o ministro José Américo de Almeida assinou a ordem de construção desta barragem, juntamente com outras similares nos estados da Paraíba e do Ceará. Executada pelo DNOCS, a construção do açude teve início no dia 8 de abril de 1936 e foi concluída no dia 8 de maio de 1942, tendo como responsável o engenheiro potiguar Estevam Marinho (1896-1953). O açude Estevam Marinho

⁹Localizado na cidade de Coremas o Açude Estevam Marinho é considerado um dos mais belos reservatórios de água do interior da Paraíba. Com capacidade total (na época da construção) de 1.360.000.000 m³ (um bilhão e trezentos e sessenta milhões de metros cúbicos de água), é também um dos principais pontos turísticos para quem percorre os roteiros sertão da Paraíba. Açude Estevam Marinho, é uma homenagem ao seu construtor, o engenheiro Estevam Marinho em data de 08/julho de 1955.

surgiu em meio à ideia de que grandes obras de represamento de água seriam a solução para o problema cíclico das secas no Nordeste.

Os primeiros estudos realizados em Coremas-PB, para viabilidade do grande açude foram autorizados pelo governo Federal em 08 de agosto de 1911, pelo IFOCS Inspetoria de Obras Contra as Secas (atual DNOCS), tendo a frente seu diretor, o Engenheiro Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa, no governo de Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1910-1914), sendo esses arquivados até idos de 1932.

De acordo com os estudos feitos sobre a cidade, entre os vários projetos de construção de açude na Paraíba, o açude de Coremas foi idealizado com atraso entre os demais, já que esse não constava nos planos do presidente Getúlio Vargas. Autorizada à construção nos meados de 1932 o açude de Coremas, tinha a grande finalidade de perenizar os rios Piancó e Piranhas¹⁰.

Conforme Silva Filho (1996), na medida em que iam concluindo a construção do açude de São Gonçalo (em Souza-PB), os funcionários responsáveis pelo serviço topográfico eram enviados para Coremas-PB, chegando os primeiros no 2º semestre de 1933 (setembro), porém somente em outubro de 1934, tiveram início os trabalhos dos canteiros de obras, e as chegadas das primeiras máquinas para terraplanagem utilizadas dando efetivamente início à construção do açude.



¹⁰Rio Piancó é um rio brasileiro que banha o vale do Piancó, região do estado da Paraíba. Nasce no município de Conceição e dá origem ao Vale do Piancó, onde se encontra Coremas, uma das maiores barragens brasileiras. De lá, ele segue para a barragem de Assú, no estado vizinho do Rio Grande do Norte. Antes de chegar ao seu destino final, o rio Piancó se encontra com o rio Piranhas no município de Pombal, proporcionando a união dos rios e segue para o seu destino final na barragem de Assú. Agência Nacional de Águas – ANA. (2010).

Figura 03- Foto da edificação do açude Estevam Marinho. ¹¹

Fonte: Google imagem.



Figura 04- Frente de trabalho na construção do açude Estevam Marinho.

Fonte: Google imagem.

Na época, o uso de equipamento de terraplenagem ainda marcava os primeiros passos no DNOCS. Para a construção desta e tantas outras construções foi aproveitando a mão de obra disponível criada pela seca que se abatia sobre o Nordeste, no ano de 1932.

A mão de obra era designada aos cassacos¹² – “o simples sertanejo de rede nas costas que vive no ciganismo das construções públicas” e que eram preparados para trabalhar nas grandes edificações. (CASTRO, 2013). Segundo Albuquerque (2015), em respaldo a construção do açude de piranhas centenas de homens flagelados conseguiu trabalho para manter a família, num ano de uma grande seca. Nos canteiros de obras e na parede do açude parecia um formigueiro humano. Atuava em atividades diversas dos trabalhos manuais como roçagem, corte de terra, extração de terra, até trabalhos que demandava outros conhecimentos como mestres, auxiliares, motoristas, trabalho de alvenarias, carpintarias entre outros trabalhos. Assim compreende-se que não se trata de uma obra de infraestrutura simples, mais que para ser executada era necessário um trabalho mais aprimorado.

“Esses açudes eram construídos por” empresas que possuía uma divisão técnica e social do trabalho bastante avançada, representada por uma série de máquinas e instrumentos que passaram a garantir o processo de construção

¹¹Vale lembrar aqui que as imagens expostas nesse capítulo são utilizadas apenas como ilustrativas.

¹² “cassacos”. Esse nome é dado a um animal feio e fedorento no Ceará, Pernambuco, Paraíba e outros estados nordestinos. Encontrado geralmente em lugares do interior, quem conhece o bicho cassaco sabe que ele é feio, sujo e muito fedorento. (CASTRO, 2013).

dentro de padrões mais sofisticados para a época, em menos tempo com segurança e precisão. (...) em especial, a grande parte de pequenos produtores sertanejos, seria inseridos no sistema de trabalho operário assalariado (tornar-se-ia “cassacos” no dizer dos sertões, assevera faria contando inclusive com direitos trabalhistas), especializado e com tempo marcado para o início e fim das obras. (GOMES, 1988. apud SILVA, 2012, P.50).

Segundo Lima (2010), na própria organização da IOCS, percebia já um planejamento colocado em uma ideia de trabalho regular aplicado em todos os estágios das obras, desde a formação das comissões de estudos ao dia a dia na construção.

Considerado o maior manancial do Estado da Paraíba e o quarto maior do Nordeste, o açude Coremas Mãe D’água é responsável hoje por abastecer uma população de 464.993 habitantes, segundo levantamento do Instituto Patoense de Pesquisa e Estatística-INPPE. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE o manancial é responsável por abastecer 30 municípios, alguns quase na sua totalidade a exemplo de Patos município que hoje conta com 102.020 habitantes, na Paraíba.

Portanto a construção do açude Estevam Marinho não foi uma obra que foi estruturada apenas para atender às necessidades d’água da população do semiárido, vítima de secas periódicas, mas também como um investimento estratégico de longo prazo capaz de oferecer múltiplos benefícios, como perenizar as águas dos rios Piancó, a irrigação das várzeas de Sousa-PB e no amparo de milhares de famílias as margens de sua bacia hidráulica. Pautando-se também na produção de energia hidrelétrica.

2.3 O caráter inovador para o traçado da cidade de Coremas

A primeira metade do século XX figurou como um período de extremas transformações materiais e simbólicas no que diz respeito à organização do espaço urbano em Coremas. Marcada a partir da construção do açude Estevam Marinho na década de 30, resultado das políticas públicas implantadas no Estado, através da construção de açudes públicos.

É importante salientar também aqui que as primeiras décadas do século XX, foi um período de grande mobilização em defesa da modernidade e da modernização das cidades brasileiras. A ideia de cidade tradicional seria abandonada, esta, a partir de então, passaria a ser idealizada como espaço civilizado, progressista e moderno.

As cidades passariam a criar concepções culturais que se evidencia a importância da ciência e do progresso distanciando-se, cada vez mais, das mentalidades tradicionais forjadas

no ambiente rural, passando esse, a representar o que há de mais retrógrado e atrasado. Ocorreria, então, uma modificação no modo de pensar a relação do homem com a própria realidade que o cerca, no sentido de superar tudo aquilo que não poderia ser considerado urbano, civilizado e compatível com a ideia de progresso.

Para Berman (1986) *apud* Trindade (2012), a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos. Afinal ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor, mas, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos tudo o que sabemos tudo o que somos.

A cidade passa ser vista agora, como um espaço em que o novo começa a chegar, muda a consciência das pessoas que passam a viver com outros costumes no cotidiano, passando a deixar os antigos hábitos e adquirindo outras atitudes e gestos que antes não era comum. As tradições, que antes eram visíveis, vão deixando de acontecer como antes como ocorria antes das inovações, o novo, portanto, acaba incorporando pouco a pouco uma nova experiência significativa para aquele tempo que está se enunciando (FREITAS, 2012).

À nova realidade que se instaurava nas cidades correspondia uma nova forma de convivência social, que pressupunha – antes de mais nada, a disposição de um tempo previamente determinado. Já não se podia considerar a antiga conversa à porta de casa. E os modelos de convivência são outros, como outros serão os lugares e o modo de se relacionar socialmente: agora, têm-se teatros novos e reformados, os cinematógrafos começam a se popularizar, tornando-se verdadeiros espetáculos de tecnologia. E tudo isso requer, antes de qualquer coisa, uma relação diferente com a velha concepção de tempo, requer um tempo que obedeça ao novo ritmo da cidade, um tempo urbano¹³.

Trata-se de uma modernidade inspirada em tendências europeias que surge a partir das formulações geradas em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, principais centros econômico, político e cultural do Brasil no final do século XIX e início do século XX..

Para algumas cidades o desenvolvimento da modernidade não se deu em consequência do crescimento industrial qual o movimento da modernidade estava diretamente associado, e sim graças ao processo mundial de modernização dos espaços físicos, dos hábitos e dos costumes da população citadina. (MAIA e SÁ, 2012).

Muitas cidades brasileiras nesse momento passaram por gradativas transformações urbanísticas, que objetivavam dar-lhes aspectos modernos e embelezadores, principalmente

¹³ SILVA, 2004.

aquelas cujas suas características ainda estavam atreladas ao meio rural, como vilas e povoados.

Lanna (1999), afirma que as ruas passariam a ser entendidas como território da circulação, seria construído com novas larguras, com calçadas próprias para pedestres, com vitrines e novos espaços de lazer. Ruas para encontros, para passeios, para circulação de mercadorias.

Dentro desse contexto a Paraíba também se fez presente, apesar da larga distância entre a realidade das cidades europeias, ou mesmo das principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Recife e Salvador, não se pode negar que os grandes movimentos que marcaram o século XIX, como a modernidade e o higienismo, também se fizeram presentes no estado e imprimiram alterações na sua morfologia urbana, bem como no seu cotidiano.

Essa modernização gradual pela qual passava a capital paraibana era, ao mesmo tempo, uma referência para as cidades e vilas do interior do Estado, que em consonância com as novidades advindas dali procuravam adotar, na medida do possível, os chamados signos modernos. (CAVALCANTI, 2007).

Apesar de a modernidade ser um movimento geral, não se estabelece com a mesma intensidade nem com as mesmas “luzes” em todo o mundo e nem em todas as cidades. A cidade de Coremas superando seu isolamento geográfico em relação á capital e também as outras cidades, a modernidade chega por meio da intervenção governamental no combate à seca, principalmente através à construção de açude.

Conforme Andrade (2008) este foi um fator que veio alterar o destino de alguns povoados, vilas ou cidades do Sertão nordestino. Os grandes açudes em construção eram, portanto, formadores de núcleos urbanos em si. Seu impacto, porém, era ainda mais amplo. Mais do que combater os efeitos das secas, havia um interesse em criar núcleos urbanos perfeitamente funcionais nos anos normais, mas também adaptados para reagir ás dificuldades criados pela ‘calamidade’.

Levando em consideração que é também nesse momento que a engenharia surge com uma ideia inovadora acerca da construção da cidade moderna no país. Esses enquanto legítimos representantes do poder tecnológico e científico possuíam a “missão” de disseminar pelo Brasil os ideais de progresso, modernidade e civilização. Para isso era necessário, contudo, adentrar as mais diversas paragens do país, desvendando os mistérios de espaços desconhecidos. Conforme Silva e Medeiros (2008), os engenheiros, além de intervirem decisivamente no novo modo de pensar as cidades, também constituíram personagens fundamentais na construção do território, ao intervirem em regiões diversas que abrangiam desde a escala rural à urbana.

Os interesses técnicos nesse momento foram voltados, de forma sistemática, aos estados do Nordeste onde se dava o início a um processo de intervenção contínuo cuja finalidade de combater os efeitos das secas. Ao mesmo tempo em que os engenheiros estudavam os meios mais eficazes de combate às secas, se formava a noção de campo, delineando funções e responsabilidades da engenharia dentro de um mundo cujos olhos estavam voltados para o progresso.

Há, nas primeiras décadas do século XX, uma formulação, pode-se dizer já consolidada acerca da problemática das secas. Ela pressupõe uma leitura abrangente do território. Mais ainda, pressupõe a construção do próprio território. Em vez de povoados, vilas e cidades desarticuladas, sem possibilidades de crescimento econômico, isoladas (comercial e culturalmente) e sujeitas continuamente ao flagelo das secas, um meio transformado e integrado pelas ações e obras planejadas e conduzidas, sobretudo pelos engenheiros. (FERREIRA, A.; DANTAS, G.; EDUARDO, 2005).

A paisagem encontrada pelos engenheiros quando atuaram no Nordeste não condizia com os anseios de progresso almejado pela república. Era um cenário deslocado cujos pequenos núcleos populacionais, chamados de povoações, mereciam, em sua visão, o codinome de urbano. Para um país que se pretendia moderno (JULIANELLI, 2012).

Seguindo essa dinâmica, muitos açudes construídos modificavam a área onde foram construídos, não apenas pela terra utilizada para o represamento artificial das águas, mas também pela infraestrutura montada para as obras, pela chegada dos operários e engenheiros vindos de várias áreas do país e pela construção dos acampamentos para moradias destes trabalhadores.

Na verdade foi modificação que provocaram uma reestruturação do espaço urbano, por se tratar de uma localidade cujas características ainda eram bastante arcaicas qual tratava de um povoado, nascido à sombra de uma capela, com poucas casas, cujos costumes eram outros. No entanto com a construção do açude, a cidade deixava de lado o tradicional pelo moderno.

Conforme o seguinte relato:

Em S. Gonçalo as casas para os operários formam já uma verdadeira cidade, onde há posto medico, Pharmacia, escola, filtro para a água potável, fabrica de gelo, etc.

As casas não são construcções ligeiras para atravessar uma estação. Cuidadosamente construídas, servirão, mas tarde como agora estão servindo provisoriamente, para residências definitivas, porque nos pontos em que hoje se fazem essas vastas obras hydraulicas, hão de futuramente erguer-se vasto centro de povoação, destinados muitos a ttrahir até moradores de povoações próximas.

De S. Gonçalo fomos ao piranhas, uma das mais importantes obras iniciadas. (...) a povoação operaria é muito maior que a de s. Gonçalo, dada a importância das obras, o vulto dos trabalhos. (Revista ilustração brasileira, 1922, apud FARIAS, 2008, P.102) (sic).

O açude foi responsável pela instalação de elementos ditos da vida urbana e a consequente implantação de uma vida social diferente da tradicional e local, portanto, chegando à vila de Coremas novidades antes desconhecidas pela população, como a energia elétrica, automóveis, telefones, o cinema, o clube de diversão, o cassino, quadra de esportes, edifícios comerciais, praças residências com arquitetura moderna, que chamavam a atenção da população local.

Esta modernidade, que invade Coremas entre as décadas de 1930 e 1940, não se resume somente ao espaço físico da cidade, mas na cultura e no modo de vida das pessoas que ali viviam. Surgiram novos comportamentos, novos ideais influenciados pela modernidade e o progresso que se abatia em outras cidades da região.

(...) as tranquilidades das Vilas foram quebradas, os moradores passaram a conviver com novos costumes, linguagens e horários, fatos que provocaram mudanças no seu dia a dia. Aumentava a população da vila, conseqüentemente formavam-se novas ruas, desenvolvia-se o comércio e novas profissões passaram a surgir, de acordo com as necessidades dos operários da obra, dando à Vila um aspecto urbano. (RÊGO, 2009, P.14 apud OLIVEIRA, 2006).

No caso da cidade de Coremas essa mesma dinâmica foi adquirida com a construção do açude e a instalação da vila operária em sua adjacência. Segundo o relato de Edivaldo Brilhante da Silva Filho no documentário “A caixa d'água do Sertão,” ao tratar da proposta do engenheiro Estevam Marinho para a cidade de Coremas ele ressalta que o engenheiro queria tirar a vila de Coremas de trás do balde do açude¹⁴ e colocar numa parte mais alta, fora da influência do açude e lá fora pensar uma cidade toda moderna com ruas toda traçada saneamento básico, vias residenciais pensadas a partir de um modelo estratégico, focado em aspectos que asseguraria um funcionamento harmonioso ao lugar como uma espécie de uma Brasília.

O objetivo do engenheiro era fazer com que a cidade de Coremas se estabelecesse a partir do núcleo urbano que estava sendo estruturado, no caso o acampamento do DNOCS, deixando de lado, a formação original da cidade que seria a vila de Coremas. Que por vez já existia antes mesmo da construção do açude. Mas segundo o escritor isso não foi possível

¹⁴ Balde do açude. Expressão dada à parte externa do açude. Baldo paredão, parede ou passarela do Açude.

houve uma resistência por parte da oligarquia da época, como os fazendeiros e pessoas ligadas às famílias mais tradicionais, que não permitiu derrubada de suas casas.

Exemplo disso é o modo com que a cidade se desenvolveu como núcleo urbano. Por mais bem estruturado que fosse o bairro do DNOCS em relação à vila, a cidade não se expandiu em torno deste. Mas, sim em torno da vila. Como podemos observar na figura seguinte.

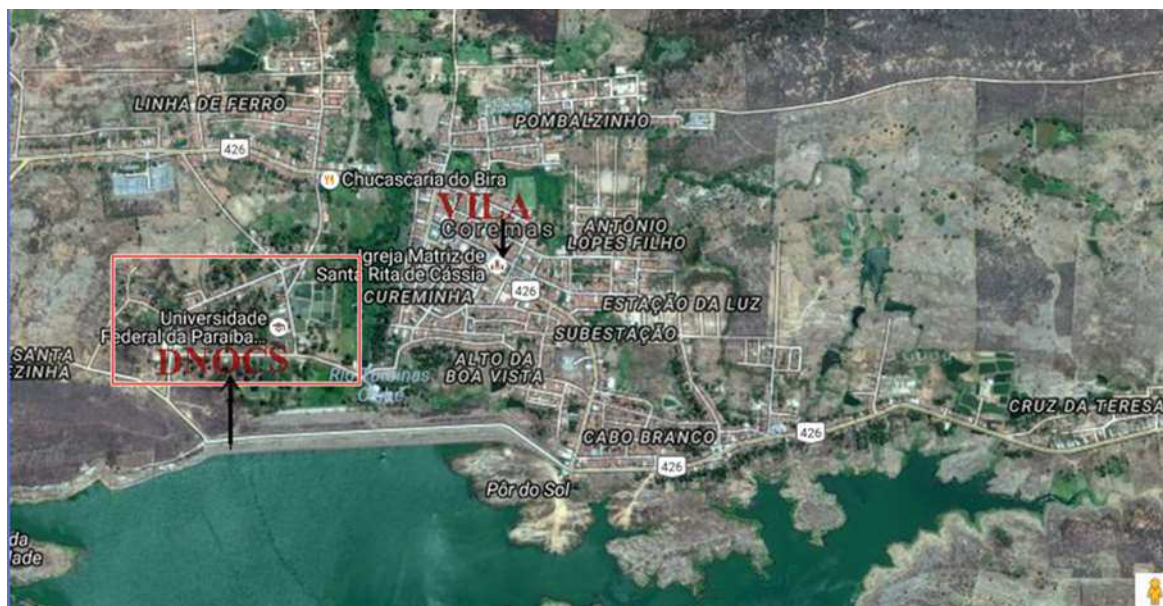


Figura 5- Imagem panorâmica da cidade de Coremas.

Fonte: Google Earth.

Apesar do acampamento mostrar-se um lugar bem estruturado, com uma nova dinâmica, para a cidade, Coremas ainda era considerado um local de subversão dos antigos costumes e tradições. As inquietantes sensações de pertencer a um novo mundo e ser personagem de uma nova realidade refletiam-se no terror e fascínio daqueles que não estava acostumado com essas intensas e bruscas transformações.

Assim a cidade naquele momento passa a se configurar por dois pontos, a vila de Coremas como o espaço atrasado, arcaico e o acampamento do DNOCS, como o moderno originado com a construção do açude. Apesar do acampamento e a vila serem espaços divergentes um do outro o acampamento foi bastante importante para o beneficiamento da vila através dos serviços prestados. Como cinema, escola, clube, capela, cooperativa, hospital entre outras necessidades básicas que poderiam ser satisfeitas com facilidade no acampamento. Aparatos inexistentes na vila de Coremas.

Paralela a toda essa mudança à cidade passou a receber um alto índice de pessoas seja aquelas que vinham para trabalhar na construção do açude, como também aquelas pessoas que

se viam influenciadas pela chegada da água na região que conseqüentemente enxergam nesta localidade a fonte alternativa para a sua subsistência e o desenvolvimento de suas atividades.

Segundo Castro (2010), as obras das secas já tinham por finalidade própria dar amparo e trabalho aos sertanejos flagelados, evitando riscos e incômodos à sociedade local, ou seja, constituíam uma maneira de ocupar os retirantes, impedindo-os de ficar entregues à desocupação. Assim muitos sertanejos se dirigiam para os canteiros de obras afins de empregos. Quando terminava as obras muitos eram dispensados e outros permaneciam nas localidades.

Conforme alguns relatos do documentário “A caixa d’água do sertão” “muitas pessoas vieram trabalhar na construção do açude, mas também muitas delas ficaram, muitas famílias foram criadas aqui e se instaladas aqui.” “Quase toda descendência de Coremas são de fora não são filhos de Coremas”.

Segundo o quadro de escrituras encontradas no Cartório Lucas de Lacerda localizado na cidade de Coremas, apesentado por Rita de Cássia Gregório de Andrade em sua Dissertação de Mestrado, “A cidade de Coremas-PB: geografia histórica de uma cidade pequena”. A partir dos números apresentados no quadro abaixo, deixa bem claro número de escrituras feitas entre os anos 1936 e 1937, datas essas que coincidem precisamente com a construção do açude Estevam Marinho. Vale lembrar que isso não comprovaria o número de habitantes residentes na cidade, pois nem todos tinham como registrar a posse de suas casas.

**QUADRO 4:
NÚMERO ESCRITURAS DE TERRAS DO POVOADO DE BOQUEIRÃO DE
CUREMA (1922-1938).**

ANO	Nº DE ESCRITURAS
1922	02
1923	01
1924	02
1925	04
1926	06
1927	08
1928	02
1929	04
1930	00
1931	01
1932	00
1933	01
1934	02
1935	09
1936	49
1937	53
1938	31
TOTAL	175

Fonte: Andrade (2008).

Segundo Andrade (2008), entre as escrituras destacavam-se seis quartos, duas casas de padaria, uma casa de prensa, quatro “chalés” e cinco casas de comércio. Lembrando que muitas das novas casas construídas na vila de Curema destinavam-se também aos trabalhadores do açude, para aqueles de funções menos expressivas e, portanto, de salários mais baixos.

O crescimento populacional na cidade também foi apontado no discurso da igreja ao solicitar a presença de um sacerdote para a cidade, onde havia apenas a visita de sacerdote de outras cidades como era o caso de Piancó, Patos e outras localidades.

O sacerdote experimentando e de visão larga compreendeu logo, diante do crescimento da população de Coremas, motivados pelo acampamento de operários que sob a direção do IFOCS, levavam a efeito a construção da grande barragem que aqui se vê, compreendeu a necessidade de se fazer sentir mais perto em Coremas a ação de um sacerdote. (LIVRO DO TOMBO, 1941, P. 2).

Assim compreendendo a instalação da vila operária, e o crescimento populacional motivado com a construção do açude em Coremas. Acredita-se que embora venha haver outros motivos que talvez tenha influenciado para que Coremas se constituísse como cidade. O açude foi sem sobre de dúvida um dos principais motivadores desse processo. Uma vez que Coremas na década de 30 tratava-se apenas de um pequeno povoado.

CAPÍTULO 3: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO BAIRRO DO DNOCS: UMA SÍNTESE POSSÍVEL.

3.1 Características gerais e localização geográfica do bairro do DNOCS na década de 1930.

Localizado nas adjacências do açude Estevam Marinho, nas margens esquerdas do rio Piancó. O lugar está cheio de afetividades onde sua própria paisagem se encarrega de narrar sua história. Parte de sua estrutura ainda existente torna-se alicerces dos tempos áureos que por ali passaram. Um lugar que hoje nem de longe lembra a dinâmica da vila do DNOCS, nos tempos passados, guarda em si algumas lembranças e memórias para aqueles que ver e tem muito para contar.

Considerado um dos bairros mais antigos da cidade de Coremas. O DNOCS trata-se de um bairro que ainda guarda algumas de suas características do século XX construções antigas como também a sua própria história. Embora tenha um valor patrimonial simbólico para a história da cidade a maioria das casas e edifícios foram destruídos e modificados ao longo do tempo.

Criado em meados de 1935, o bairro foi construído para acomodação do pessoal que trabalharia na construção do açude. Sendo que no último trimestre de 1934 já ocorreram os trabalhos de desmatamento, terraplanagem, e preparação dos canteiros de obras assim como a chegada das primeiras máquinas; inicialmente o local recebeu o nome de "Acampamento", depois conhecido por "Inspetoria" e, hoje por simplesmente o DNOCS" (SILVA, 1986).



Figura 6: Edificações no acampamento em fase de construções na década de 30.

Fonte: Relatório da Inspeção de Obras Contra as Secas – IOCS, 1937.

Conforme é possível observar a partir da figura, acima, o vazio que abrangia o local percebe-se a construção dos primeiros prédios do acampamento. Oficinas e a casa de força e ao fundo a presença da vila de Curema, em meio à vegetação.

Nem gente tinha aqui não, é por que lugar sem água é lugar sem vida. Depois desse serviço foi chegando médico por aqui, a coisa clareou mais a vida da gente. (João Alves de Araújo. Ex. funcionário do DNOCS.)¹⁵

Situado num ponto considerado insulado da cidade. O bairro foi aos poucos se estruturando com construções de estrutura menores como um pouco maiores, destinadas aos engenheiros e funcionários de alto escalão da Obra, construídas basicamente quase todas na avenida principal do bairro.



Figura 7: Edifícios do Acampamento do DNOCS, em processo construção, na década de 1930.

Fonte: Relatório da Inspeção de Obras Contra as Secas – IOCS, 1937.

A figura acima mostra a avenida central do acampamento à chamada Rua U, e os principais prédios do acampamento, como a residência do engenheiro chefe doutor Estevam Marinho. Percebe-se, a partir das larguras e alinhamento das ruas do bairro o espírito de modernização implantada nas grandes cidades na época. As ruas largas além de trazer o

¹⁵ Pires, 2011.

embelezamento dos espaços públicos proporcionavam também melhores condições do tráfego.

Segundo Maia e Sá (2012), no final do século XIX e início do século XX os ideários da modernidade são reforçados e somados aos preceitos de ordem e higiene observados na cidade desde o início do século XIX. Desta forma se idealizava uma cidade embelezada, de ruas retas e com equipamentos modernos. Conforme José Neudo de Souza; fundador da casa da cultura “o acampamento era altamente organizado as ruas pareciam um tapete”, (PIRES, 2011) as residências dos engenheiros auxiliares, a casa de força, almoxarifado e oficinas.

Com construções suntuosas, e casas de alvenaria e jardinagens. Que também não deixava de ser o modelo de arquitetura do movimento moderno implantado na época, aos poucos a vila foi se adequando a tal modernidade, essa pequena estrutura foi se desenvolvendo tornando assim algo planejado qual receberia uma divisão hierarquizada tanto na localização das casas construídas como na área edificada.

As casas eram bem ventiladas, arborizadas com árvores frutíferas, jardinagens exuberantes, água encanada e energia elétrica. Como mostra a casa do Engenheiro chefe Dr. Estevam Marinho considera por todos a maior e mais bonita casa daquela rua, conhecida no DNOCS como a rua dos engenheiros conforme a figura seguinte.

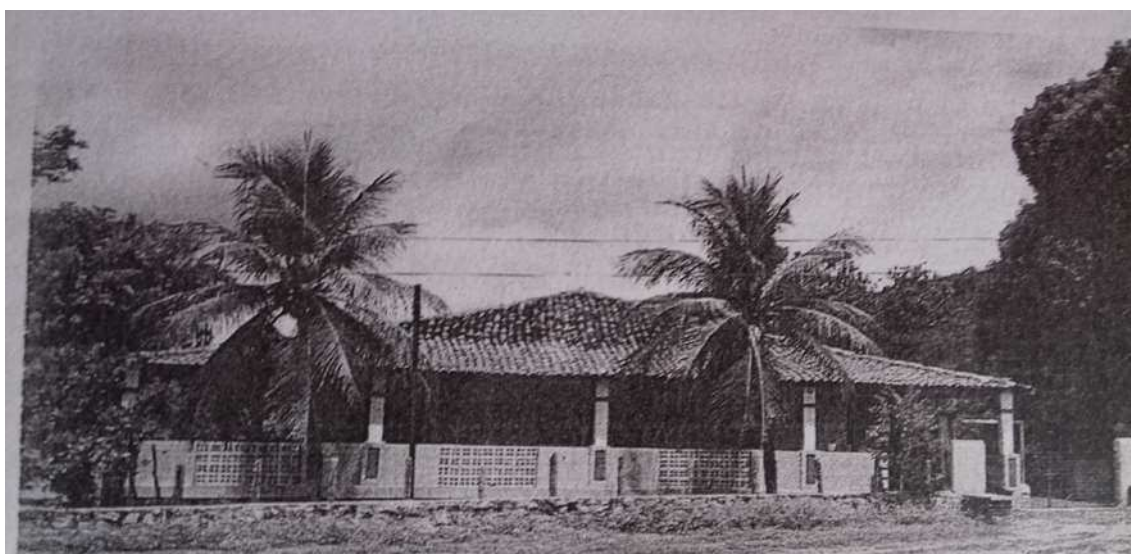


Figura 8: Residência do Dr. Estevam Marinho, no Acampamento do DNOCS, em Coremas.

Fonte: Carvalho (2013).

Além desses prédios a vila do DNOCS, contava ainda com escola, hospital, cinema, clube, capela, cooperativa, entre outros serviços. A energia elétrica considerada um marco da modernidade nesse momento. Na vila ela era gerada por meio de caldeiras a vapor movida à lenha, conhecida por Casa de Força.

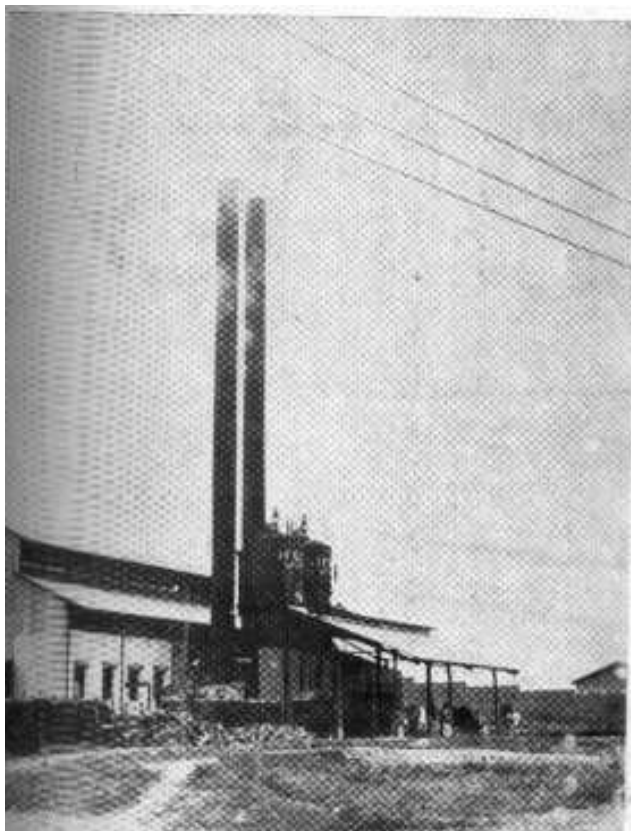


Figura 9: Casa de força na cidade de Coremas.

Fonte: Relatório da Inspeção de Obras Contra as Secas – IOCS, 1937.

Todo movimento elétrico se partia dela. Quando precisava a casa de força quem dominava. Quem dava energia para iluminar toda cidade. Passava o dia funcionando mais só queimava lenha à noite. “Não vinha energia de outro canto não”. Era daí mesmo e é quem dar força a todo o serviço né. (Hernandes Manoel Dias. ex. funcionário)¹⁶.

Essa iluminação da vila refletia um contexto mais geral em que a imagem de luz artificial assumia a importância de ser moderna, ao mesmo tempo em que se percebia que escuridão e a vida na vila eram opostas. Já que se criava ali uma espécie de cidade moderna, a falta de iluminação incomodava e provocava medo àqueles que não eram “as pessoas da noite”, vistas sempre como malfeitores.

¹⁶ PIRES, 2011.

O medo da escuridão tornava um dos principais pretextos para a afirmação da luz artificial moderna como uma forma de prolongamento do dia. Já que a luz artificial moderna passava a ser encarada como sinônimo de segurança onde o crime não se prolifera. Que além de embelezar as ruas, a iluminação afastava também os malfeitores, da noite e o temido medo da escuridão. (MAIA, 2012).

Esse sistema de iluminação pública funcionava cotidianamente. Além de iluminar todo acampamento iluminava também a vila de Coremas considerada atrasada em comparação a vila do DNOCS já que essa dependia de lamparinas movidas a querosene.

Posteriormente a iluminação passou a ser feita por meio da usina hidrelétrica, considerada a primeira e única usina hidrelétrica do estado da Paraíba a mesma foi implantada durante a construção do açude Estevam Marinho, precisamente na década de 30, só vindo a funcionar em 1957, com o término da segunda barragem Mãe d'água. Contava com dois geradores um de empresa alemã (Siemens) e a outra Norte americana (westinghouse).



Figura 10: Usina hidrelétrica curema.

Fonte: Souza (2012).

Segundo Carvalho (2013) as turbinas funcionaram por vários anos, sob administração do DNOCS, as mesmas construíram 384 km de linha de transmissão (década de 30 até a sua inauguração em 1957), chegando a beneficiar 9 cidades da (Piancó, São Gonçalo, Sousa Cajazeiras, São José de piranhas, Catolé do Rocha, Itaporanga e Patos).

Voltando as demais infraestruturas chegada à vila o local contava também com um Hospital, sendo esse o 1º hospital da cidade, cujo recebeu o nome do engenheiro responsável pela construção do açude, “Hospital Dr. Estevam Marinho,” com total de 24 leitos preparados darem assistência médica aos funcionários, e seus familiares; como também aos moradores da cidade.



Figura 11: Hospital e maternidade no Acampamento do DNOCS, em Curema, em 1940.
Fonte: Carvalho (2013).

O acampamento do DNOCS contava com um importante hospital maternidade nos tempos áureos da construção da barragem, além de possuir um necrotério de 28m². Hoje, alguns poucos escombros dele resta. Guardo-o lembranças pelos serviços excelentes que prestava á comunidade local, muito especialmente a do DNOCS. (CARVALHO, 2013.p.123).

O hospital que ao ser entregue a distintos profissionais eliminava uma porção de moléstias que enfraquecia o sertanejo, cooperando-lhes as noções da higiene, imunizando-os contra as epidemias devastadoras. Segundo Castro (2013) os retirantes chegavam às obras para a labuta com vestes precárias, esfomeados e sedentos e se a água nas construções era escassa até para beber era mais ainda para a higiene. Talvez por isso a comparação esdrúxula com o cassaco. Não que tenha sido o caso da cidade de Coremas. Mas que não deixava de ser algo inexistente no meio. Albuquerque (2015), ao relatar sobre a construção do açude de Piranhas. Ele narra exatamente à questão das epidemias existente nos canteiros de obras. Como também a morte do engenheiro Moacyr Monteiro Ávidos em razão de uma delas.

As condições péssimas de moradia, as inexistentes instalações sanitárias, a falta de água tratada e a total falta de higiene devem ter sido as causas do surgimento de uma terrível e avassaladora febre, além de outra epidemia de

sarampo e varíola que deve ter provocado à mortandade de centenas de pessoas.

Era grande número de pessoas que morria e uma das primeiras pessoas acometida pela febre foi o Engenheiro Moacyr Monteiro Ávidos, que saiu para tratamento, mas acabou falecendo no dia 15 de dezembro de 1932 (ALBUQUERQUE, 2015).

Diante disso, nota-se que apesar de ser apresentados como ícones da cidade moderna, o hospital forneciam uma série de benefícios à população local, dando a eles uma melhor qualidade de vida. Que por vez, não deixava de ser o seu papel.

O Grupo Escolar Arrojado Lisboa também existente na vila foi de bastante importância para o setor educacional da cidade. Criado em 1935/1937, o nome foi dado em honra do fundador do DNOCS, Arrojado Lisboa. Em seguida o nome foi mudado para "31 de Março" (homenagem a Revolução de 1964), posteriormente adotou o nome de "Major Arlindo" (referência ao Sr. José Arlindo de Araújo 1903-1984), e atualmente utiliza-se Grupo Escolar 31 de março. Segundo Carvalho (2013) "já era orientação do DNOCS edificar tais equipamentos comunitários para instituir os filhos dos funcionários."

Promover nas obras em que houver aglomeração de famílias e onde o número de operários for superior a 50, a instrução e educação cívica dos mesmos e de seus filhos menores, convergindo sempre às vistas para o melhoramento da situação do operariado. (a obra presente em todo acampamento instalado para dar apoio á construção de barragens de porte significativo como essa).

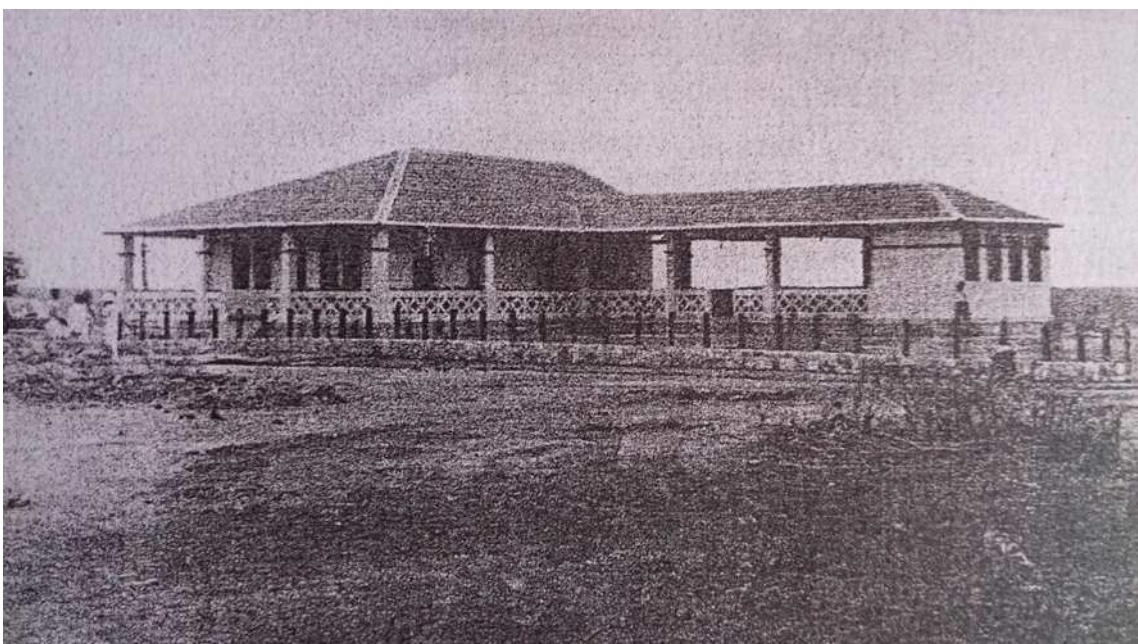


Figura 12: Grupo escolar, no Acampamento do DNOCS, em curema, 1937.

Fonte: Carvalho (2013).

As informações sobre a escola foram poucas e dispersas. Contendo sempre uma pequena referência sobre sua localização e vista. Localizado na avenida central do bairro famosa Rua “U” e dono de uma presença discreta e marcante pela sua modéstia. O grupo 31 de março destaca-se pelo seu partido arquitetônico, dispondo de salas de aula de alvenaria de tijolos e um pequeno pátio. Ao longo dos anos o edifício foi alvo de grandes obras de reforma e ampliação. Atualmente a Escola 31 de março não conservar a estrutura inicial mais que ainda presta importantes serviços na educação da cidade.

Dentre os edifícios que se destacavam e estruturava o ordenamento da vila, o escritório do DNOCS também era referência na vila, por ser o prédio da administração central, possuía os gabinetes dos engenheiros, as sessões técnicas entre outros serviços. Além de se mostra uma edificação grandiosa aos padrões da época. O escritório não conserva sua estrutura original. Mais que serve de referencia do que foi no passado.



Figura 14: vista frontal do Escritório no Acampamento do DNOCS.

Fonte: Souza (2012).

Sinônimo do espírito progressista do bairro, na época. O prédio foi reformado algumas vezes. Sua importância prende-se ao fato de estar localizadas em uma das primeiras e mais importantes vias do bairro, vias essas que ainda conservam exemplares significativos da época de sua abertura. Apesar de está em total declínio e abandono. O local ainda é utilizado para

assuntos referentes ao órgão (DNOCS) na cidade. Como também um espaço reservado para a casa da cultura da cidade. Que resguarda bastante material sobre a história do bairro como da própria cidade.

Nascido com as grandes cidades, o cinema também se constitui como construtor do espaço urbano. Além de fornecerem informações e imagens das grandes metrópoles para o imaginário da população local; funcionavam como uma forma de referência para um tipo de encontro social.

Inaugurado em 1938/1039, o cine CAP (Comissão do Alto Piranhas), chegava a comportar confortavelmente 180 pessoas, possuindo naquela época, o piso declinado para melhor visibilidade de todos. Considerados como um dos meios para imprimir novos hábitos culturais à população do bairro do DNOCS, como também a cidade de Coremas. O prédio do cinema servia também como anfiteatro com apresentações de peças teatrais-e dramas.

Eu vivi intensamente esse momento de Coremas DNOCS no final da década de 60, 67, 70 o cine CAP ainda funcionava, eu ia para o cinema assistir as séries de Tarzan (Severino Lopes).

Eu mim lembro que eu era pequeno e não entendia por que o cinema era descendo, aquilo já era coisa moderna hoje todo cinema descendo para as cabeças ficar cada uma no seu nível para ver a tela. (Edivaldo Brilhante).¹⁷



Figura 15: **Prédio do cinema no acampamento do DNOCS.**

Fonte: Andrade (2008).

Hoje o prédio do cinema, são um dos únicos prédios que se encontra em sua forma original, tal como foi construído. E que ainda serve de referência de como era na década de

¹⁷ PIRES, 2011.

1930. Apesar desse não prestar mais os seus relevantes serviços, o prédio do cinema atualmente funciona como sede da Loja Maçônica do município entre outros usos.



Figura16: **Prédio do Cinema atualmente.**

Fonte: Souza (2012)

No entanto, há que se considerar aqui que embora estejamos falando da década de 30, considerada atrasada ao que estamos vivendo nos dias hoje a respeito da modernidade. A cidade de Coremas hoje não tem acesso aos mesmos aparatos que a população usufruiu na época. Tendo como exemplo, o cinema. Onde grande parte da população coremense como de outras cidades interioranas nunca tenha assistido a um filme em um cinema, uma peça em um teatro.

Aos moradores do bairro nada faltava. Além da energia era cedida a eles rede de água encanada e Cooperativa, como espécie de mercado, que fornecia os gêneros alimentícios básicos com os preços subsidiados, ou seja, vendido a preço simbólico, muito mais baixo do que em armazéns da cidade. (vila Coremas).

O bairro também contava com um hotel, uma capela, construída à Santa de devoção da esposa do Engenheiro Estevam Marinho. Apesar da existência da igreja Santa Rita de Cássia na vila de Coremas, a capela foi bastante importante para as festividades religiosas da cidade tornou-se um local famoso pelas noitadas do mês de maio, quais celebram o mês de Maria, com novenas e os shows pirotécnicos (balões, fogos, girândolas). Hoje a capela ainda faz parte da paisagem do bairro, mas não muito frequentada pela população.

A capela de santa Terezinha – que pertence altaneira, há desafiar o tempo- foi edificada na própria serra de Santa Catarina, juntinho à praça de lazer do acampamento. Em local um pouco elevado, de lá se contempla todo o

conjunto federal, como se dali as bênçãos sacerdotais descessem sobre as famílias do DNOCS. (CARVALHO, 2013. 141).

Outra característica a não ser esquecida é a Agência de Automóvel, instalada na vila operaria da firma americana "Ford", durante a construção da barragem, a maioria dos automóveis (caminhões principalmente) era de procedência americana (da marca Ford), daí, a relativa importância que teve a agência, principalmente na reposição de peças originais. Dessa forma observa-se que apesar de se tratar de uma vila operaria, Coremas ingressou na década de 1930 respirando ares de modernidade. Com características similares de uma cidade grande. Onde poucas cidades hoje podem usufruir da mesma comodidade oferecida na época.

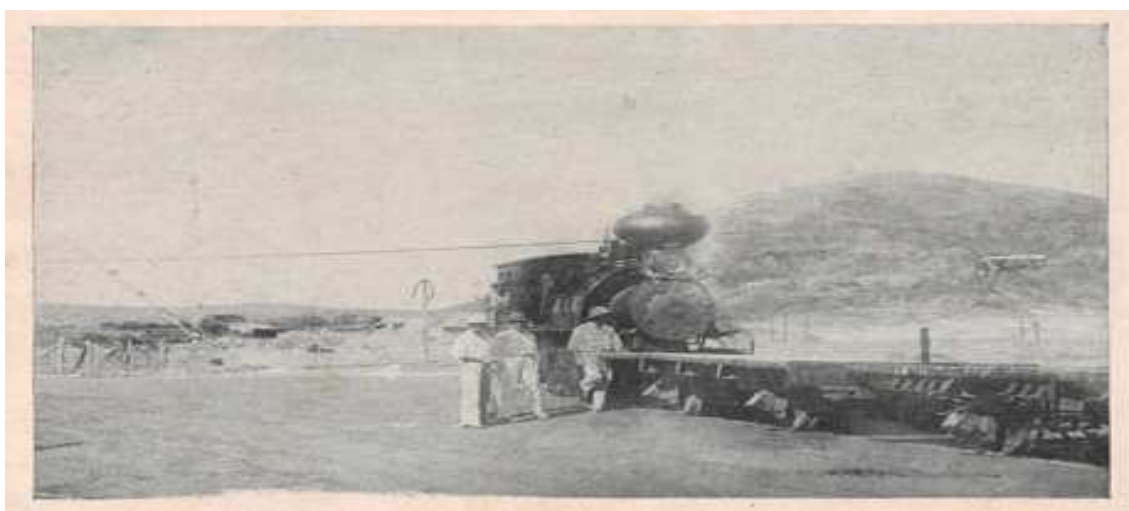


Figura 16: Trem de carga (Locomotiva) no Acampamento do DNOCS.

Fonte: Pires (2011).

Outro equipamento moderno que se instala durante a construção do açude foi o transporte sobre trilhos (locomotiva). O transporte instalado tinha como principal objetivo transportar apenas os materiais para a construção da barragem chamada de “Cafuringa.” E não para a locação de pessoas e outras mercadorias como era de costume. Também foi construída uma linha de ferro que interligava o açude as pedreiras. Hoje essa linha férrea não existe mais, apenas na nomenclatura de um bairro que se desenvolveu no seu entorno. E que também liga ao bairro do DNOCS, (Bairro linha de ferro).

Conforme Carvalho (2013) os serviços realizados pelo IFOCS de infraestrutura até em 1937 na referida vila, resulta na construção de 1 prédio para residência tipo especial, 7 prédios para residência tipo I, 1 prédio para o escritório central, 1 prédio para o hospital, 1 prédio para o necrotério, 1 casa para zelador, 1 prédio para o grupo escolar, 1 casa de hospedagem, 10 casas geminadas, 1 depósito de pólvora, 1 depósito para gasolina, 1 galpão. O prédio para

residência tipo especial provavelmente era a casa do engenheiro chefe, e as residências tipo I, refere-se às residências dos auxiliares.

“A Vila operária propriamente dita, tinha uma composição de 113 casas, num terreno que ocupava toda a margem esquerda do rio Piancó, de frente à cidade.” (SILVA, 1996). Como já visto nas figuras anteriores, o acampamento era um local bastante estruturado. Percebe-se que o engenheiro tinha em mente o embelezamento da vila para que a mesma apresentasse uma aparência de cidade moderna. Contudo, uma cidade civilizada, precisava possuir se não todos, pelos menos o máximo possível desses equipamentos tidos como modernos.

Residir no Bairro dava certos "status" segundo os relatos de antigos moradores obtidos por Andrade (2008) as ruas eram divididas por categorias dos moradores, onde havia uma busca frenética para que funcionários se aposentassem, possibilitando o surgimento de novas vagas nas disputadas casas.

Quem morava aqui no acampamento eram aquelas pessoas classificadas, chefe de oficina, chefe de carpintaria, chefe de escritório, encarregado de serviço, de garagem [...] O resto morava na rua, pra você ter direito a uma casa aqui, você falava com o chefe, colocava seu nome na lista, um ano, um mês talvez, se você tivesse sorte, com um ano você tinha direito a uma casa. Na rua todinha em Coremas tinha gente do DNOCS morando (DONA ZEFINHA, 2007).

A vila era composta de três ruas. A famosa rua "U" (Rua dos doutores, referência aos moradores ilustres como os engenheiros, médicos, dentistas etc.); rua "R" (Rua 16, por possuir 16 residências, onde moravam os funcionários da parte administrativa); rua "S" (Rua Mecânica, onde moravam os funcionários das oficinas e garagens).

Os nomes das ruas da Vila (1936) foi uma homenagem "Revolução Comunista da Rússia" (1917) e também pelo episódio da "Intentona Comunista", de novembro 1935, assim ficou as ruas U-R-S para lembrar as iniciais da União das Repúblicas Socialistas. Nomeadas por Sabino Guimarães Coelho topógrafo cajazeirense, amigo do Engenheiro Chefe Dr. Estevam Marinho (1896-1953).

Entre toda essa comodidade a vila também oferecia a parte do lazer para a comunidade da vila do DNOCS. Não é a toa que a primeira piscina do estado da Paraíba foi instalada no acampamento do DNOCS, qual dispunha de uma infraestrutura bastante acessível aos seus moradores, erguida na Praça de Esportes ou pracinha do DNOCS, a piscina tinha equipamento

de trampolim para saltos ornamentais, possuía ainda uma piscina pequena para uso exclusivo das crianças. Nessa mesma Praça tinha ainda quadras para vôlei, tênis, futebol de salão, além de uma área para festas dançantes, um bar equipado, mesas com palhoças, etc. Lembrando que os banhos de piscina e os outros lazeres eram oferecidos apenas pra os chefes aos finais de semana.

Segundo relatos obtidos por Andrade (2008), com os moradores do Acampamento do DNOCS, era nessa praça e no Clube Recreativo da cidade, existente também na vila do DNOCS que acontecia basicamente todas as comemorações festivas como carnaval, festas juninas e religiosas. Não que não existisse também essas comemorações na vila de Coremas, de acordo com os relatos as festas era distribuídas nos dois locais. Sendo que as festas do acampamento era as melhores segundo os entrevistados.

Diante disso as transformações, não aconteceram apenas nas estruturas físicas do bairro. Os hábitos e os costumes locais começam a se modificar, refletindo na vida social das pessoas. Como descreve Andrade (2008) sobre o carnaval nas duas localidades.

Era um carnaval que contava com os foliões fantasiados, mascarados, formados em blocos de rua, como tão bem caracterizavam os carnavais desta época. “Porém, era um carnaval fragmentado, ou seja, aquele mais sofisticado ocorria no Acampamento do DNOCS, e o outro ocorria na vila de Curema”.

A festividade maior dava-se a noite, na pracinha do clube. Todos fantasiados, fantasia feita de cetim, com Pierrô, bailarinas¹⁸.



Figura 17: Carnaval no Acampamento do DNOCS, década de 1950.

Fonte: Andrade (2008).

¹⁸ ANDRADE, 2008.

Os bailes de carnaval oferecidos no acampamento eram bastante “concorridos e animados”. As presenças de bandas de música e orquestras promoviam a interação entre os convidados, na referida imagem observa-se na parte superior, os integrantes da Orquestra do Município de Uiraúna, que vinham tocar e cantar no carnaval e na parte inferior os integrantes dos blocos de carnaval. Uma cidade que ainda possuidora de valores tradicionais, mas que contemplava a chegada rápida do progresso, que consigo trazia transformações, diretas ou não, à vida de todos, em termos materiais e culturais.

É possível perceber nas falas, como o bairro do DNOCS estava totalmente atribuído à ideia de modernidade estabelecida na época, à civilidade era parte fundamental nesse processo de transformação. Tratava-se de momento em que as inovações no cotidiano da vila proporcionam mudanças no comportamento dos moradores, nos novos hábitos e costumes deste povo. Civilizar seria essencial.

Assim, Além da forma física e dos traçados que se estabelece na vila, a realização de festas compreende como um momento importante de manifestação de sociabilidade, especialmente de uma sociabilidade urbana. Apresentando uma apreensão diferenciada dos espaços da vila e seu uso habitual de ruas, praças e do espaço em si na realização de festejos.

No dia 7 de setembro vinha gente de quase todos os lugares daqui, de pombal patos, vinha assistir o dia 7 de setembro aqui. Aquelas bandeiras eram tantas bandeiras, cada bandeira. E aquele povo bem trajado para o dia 7, com farda. Era a coisa mais linda. (Depoimento)¹⁹

¹⁹ PIRES, 2011.



Figura 18: Desfile cívico 7 de setembro no Acampamento do DNOCS.

Fonte: Pires (2011).

O bairro era tão organizado e receptor, que chegou ao ponto de receber visitas de três presidentes.

A cidade de Coremas-PB, por três oportunidades teve a honra de receber diferentes presidentes do Brasil (Vargas, Dutra e JK). Dormiram em comitiva no DNOCS, ficando os presidentes instalados na Casa Grande do Chefe (residência oficial). E como manda a tradição republicana, que diz, onde se encontra o presidente e comitiva, aí está instalado o Governo (Regime Presidencialista), então enfatizo que Coremas-PB foi a capital do Brasil, durante três noites, para orgulho de todas as futuras gerações de coremenses. O motivo primordial das visitas presidenciais sempre foi relacionado com o açude (Barragem). (SILVA, 1996).

Em seguida o autor ainda ressalta “sempre é um fato histórico marcante a visita de um Presidente, ainda mais quando o local é uma Vila do interior da Paraíba”. Desta forma podemos observar a importância que teve o acampamento do DONCS para a cidade de Coremas. Como toda a estrutura montada advinda com a construção do açude foi de estima para a constituição e o desenvolvimento da cidade na época.

Visto isso podemos destacar que a cidade se tornou um lugar de mudança. Não somente como receptor da modernidade, mas como um produto das novas formas de

sociabilidade. O bairro tornou-se uma espécie de micro espaço dentro da cidade, enquanto lócus ele figurava sob diversas experiências da vida social, como o trabalho o lazer moradia entre outras vivencias. Dando a cidade um caráter histórico adquirido em suas origens e formas de uso do seu espaço.

Atualmente a cidade de Coremas não, mais usufrui de toda essa comodidade oferecida na época. Para tristeza de muitos, a realidade atual do bairro é bastante lamentável, parte dos seus moradores não possui nem um laço funcionais com o DNOCS, as várias moradias estão em ruínas outras fechadas. O espaço está completamente descaracterizado de suas feições originais, o que torna lamentável sob todos os aspectos.

3.2 Por que a descontinuidade de toda uma estrutura montada?

Com o passar do tempo o bairro foi sendo modificado, produzindo uma nova paisagem, dando novas formas, e itens ao bairro. No entanto, o DNOCS ainda conserva em seu espaço geográfico alguns referenciais urbanos do passado que possuem significado histórico. Tornando-se uma espécie de “centro histórico” da cidade, onde moram os antigos operários e/ou seus descendentes. Apesar de algumas modificações e total abandono de outras. Hoje o bairro se consolida como lugar apenas de memória.

Em visita ao local pude observar que o bairro ainda conserva algumas das suas características arquitetônicas da época da sua edificação. Embora algumas já estejam em ruínas. É possível encontrar a beleza da arquitetura histórica, da sensação de vazios das ruas, mas também deparar-se com o abandono, com o descaso, com os improvisos, ou mesmo com os resquícios de um lugar que ainda guarda sua história. Como apresenta as figuras seguintes.



Figura 19: **Antigos prédios das Oficinas mecânicas e da Casa de Força.**

Fonte: Souza (2012).

Diante disso é possível perceber as mudanças que vão descaracterizando bairro tanto na sua forma, como em seu conteúdo. Muito se perdeu pelo tempo. As oficinas mecânicas que muito foram utilizadas para o trabalho da construção do açude, como também a casa de força que por muito tempo promoveu a iluminação do referido bairro. Essas se perdem nas tramas do tempo. Abandonado o prédio da casa de força não possui serventia nenhuma ao local. As oficinas apesar de está em ruínas parte delas está sendo utilizada como oficina mecânica por populares.

O traçado do bairro continua o mesmo, com as três singelas avenidas. As ruas que antes era de terra, hoje dar lugar ao calçamento. Característica que busca desfazer dos aspectos envelhecidos e arcaicos, que muitas cidades ainda carregam. Procurando adaptar o antigo tecido a uma nova infraestrutura.



Antiga Rua "S"



Antiga Rua "U"



Antiga Rua "R"

Figuras 20: Três principais ruas do bairro do DNOCS.

Fonte: Souza (2012).

Nessas imagens mostra que o antigo ultrapassado esta dando lugar ao novo e técnicas ultrapassadas e que perderam suas reais funções estão sendo substituídas por novas, levando a alterações significativas e rápidas desse espaço. Apesar de este possuir em seu interior, características históricas que vem contrapor com a pavimentação presente. Essa pavimentação das ruas significa que um novo ciclo está começando na história do bairro. Perdendo de vista o que foi no passado.

Outra mudança observada e presente no bairro são a renomeação das ruas. Tais nomenclaturas não condizem mais com a história do bairro. Passaram a serem substituídas por nome de pessoas ilustres, de âmbito local, referindo-se a acontecimentos e construção de personalidades. Apesar dos velhos nomes ainda constar nas placas que indica o nome atual das ruas.



Figura 21: **Atuais placas das antigas ruas “Rua U”, “Rua mecânica”.**

Fonte: Souza (2012).

Segundo Dias (2000), o processo de nomeação de vias públicas segue uma linha de relação de interesses e uma possível reprodução da memória histórica local, regional e até mesmo nacional.

A prática de nomear ruas, quase sempre identificada como distorção o trabalho dos vereadores, é atividade menos inocente que se costuma supor. Um olhar atento constata que esse processo é caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional e local. Trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial baseada no culto à genealogia e edificação do Estado nacional, assim como aos fatos e personagens correspondentes. (DIAS, 2000).

Com relação á permanência dos antigos nomes, nas placas. Percebe-se um sentimento de pertencimento, de significação deste em lugar de referência. Significa um sentido de resistência social; de identidade ressignificação com o lugar. Mesmo que haja as mudanças de nomes as famílias que ali residem, em contato direto com o espaço se sentem representadas.

Desta forma cabe citar aqui Milton Santos (2012), para ele “o espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais” e como simples materialidade não tem condições de provocar mudanças, mas apenas de participar da história viva. Conforme o autor, “é a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais atribuindo-lhes um conteúdo”.

Para Giddens (1991), os modos de vida produzidos pela modernidade têm a capacidade de nos desvencilhar de todos os tipos tradicionais de ordem social e uma maneira que não têm precedentes. Em outras palavras o autor ainda afirma tradição e modernidades

andam juntas; a modernidade radicalizada é que não se sustenta sobre a tradição teve em determinado contexto histórico.

Nessa mesma perspectiva Freitas (2013), assegura que na modernidade, nada é intocável, tudo é passível de mudanças. Dessa maneira, os valores construídos podem ser modificados, não sendo assegurados como únicos. Cada vez mais se procura deixar as coisas melhores do que já são.

Assim visitando local, pude observar hoje que o bairro não apresenta o caráter e integridade do núcleo urbano inicial, quais sobraram apenas partes secundárias de algumas construções. E as que continuam de pé, não há nenhuma mobilidade de preservação. Restando assim, somente lembranças de um momento histórico. Cujas sua existência resguarda alguns frutos de uma época passada, mas que faz parte da história da cidade.

De acordo com Severino Lopes de Almeida fundador da casa da cultura e um dos conhecedores da história da cidade de Coremas. Afirma que durante um bom tempo o açude Estevam Marinho, assim como o acampamento do DNOCS teve total preservação após sua construção. Principalmente em 1976, no governo do presidente João Batista de Oliveira Figueiredo com a implantação do “projeto sertanejo” no acampamento do DNOCS na tentativa de manter a edificação outrora existente, baseado na restauração de todo o DNOCS. Sendo que com o termino do governo o projeto veio ao fim, muitos técnicos em diversas áreas que aqui fizeram presente tiveram que ir embora e a partir daí segundo ele, começa o declínio do quarto maior açude do país e da estrutura montada do DNOCS²⁰.

Ainda sobre o declínio do acampamento do DNOCS, Silva (1996), elenca que nas primeiras décadas depois da construção do açude, a vila do DNOCS era disputada por excelentes engenheiros, que sonhavam em dirigir todo aquele complexo (Coremas – Mãe D’água), morando confortavelmente na residência oficial. O declínio ocorreu segundo ele devido aos reflexos das várias políticas governamentais, que levaram ao esvaziamento político do órgão e da SUDENE. Onde o DNOCS de Coremas-PB ficou por muitos anos estranhamente subordinado à 3ª Diretoria Regional em Recife-PE, e não ao 2º Distrito, em João Pessoa-PB, este fato terminou por culminar com um total abandono, desinteresse crescente, chegando aos dias atuais em completa descaracterização e vivendo somente das boas e distantes lembranças.

²⁰ Essas informações se tratam de uma conversa formal com essa pessoa, qual se dispôs a contribuir com seu depoimento para enriquecimento desse trabalho, e que ache interessante utiliza-lo aqui.

Diante dos fatos que levaram o declínio da estrutura existente do bairro é importante ressaltar que a não valorização, não preservação e o não reconhecimento desse espaço, tornou-se conseqüentemente o motivo da descontinuidade de toda uma estrutura montada, que cerca de 30 anos de sua existência como um núcleo ativo, exerceu importante valor simbólico tanto para história da cidade quanto no desenvolvimento. Assim a conservação e o reconhecimento do acampamento como o próprio açude, enquanto contribuintes da história de Coremas fazem com seus habitantes locais tenham consciência do papel em que sua cidade teve em determinado contexto histórico.

Apesar de toda sua descaracterização, e a substituição de outros elementos que vem agrega ao meio, existe ali na sua paisagem física principalmente, toda a uma história viva que a cidade mal terminara de passar; um local em que ainda pode encontrar descendentes das pessoas que ajudaram tanto na formação do bairro como da cidade. Desse modo a importância da preservação desse local, além de colaborar com a memória visual histórica da cidade, também contribui como fonte de informação e testemunho vivo de uma época de um espaço singular, que jamais será revivido novamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E por fim, para não concluir, este trabalho teve prioritariamente a intenção de apresentar a gradual transformação urbanística pela qual passou a vila de Coremas nas primeiras décadas do século XX, especificamente no momento em que alguns signos da modernidade urbana foram praticados na vila em razão da construção do açude Estevam Marinho e como estes contribuíram para uma nova estrutura física da cidade.

Em princípios do século XX, os açudes desempenharam um papel de fundamental importância no processo de integração do território, formação do espaço urbano e no desenvolvimento socioeconômico das regiões flageladas pelos efeitos das secas. E com eles também foram erguidas segundo as concepções modernas vilas operárias utilizando-se de novos equipamentos e estruturas espaciais que modificaram as relações entre os moradores e a área urbana.²¹

Na busca de compreender os efeitos causados pela construção do açude Estevam Marinho e as conseqüentes transformações no município de Coremas verificou-se uma reestruturação da cidade, onde o local passou por um longo processo de transformações, modificando seu ambiente natural, construindo um espaço ricamente arquitetônico que ostentou esta sociedade durante anos. Foram transformações que lhe conferiu aspectos ditos àquela época “modernos”, tais como: iluminação elétrica, casa bem estruturada novas ruas, praça, hospital e escola e vários outros elementos modernos. Uma vez que a cidade antes da construção do açude apresentava um crescimento lento, com casas mal alinhadas, obedecendo apenas às imposições da topografia, era uma vila mediana, onde as ruas não possuía nenhum traçado.

Apesar das dificuldades encontradas no decorrer deste trabalho tendo em vista a busca de informação sobre a história em que percorreu a cidade de Coremas durante os anos 1930 e 1940, justamente pela escassez de material e dificuldade de acesso aos órgãos públicos e o pouco interesse pela história da cidade, constatamos a força urbanizadora que os prédios públicos instalado no bairro do DNOCS como já mencionados, a exemplo da construção, da escola, hospital, cinema e vários outros introduzidos na vila, como detectores de efetiva transformação na morfologia e melhorias significativas no progresso de Coremas.

²¹ SILVA, FERREIRA, 2010.

Embora as mudanças tenham se concentrado em um lugar específico, no caso o acampamento do DNOCS, observamos que essas mudanças foram essenciais no progresso da cidade naquele momento. Principalmente na sua concretização como cidade sendo essas transformações responsáveis pela sua emancipação como foi apresentada na carta feita pelos próprios moradores que pedia a emancipação da cidade em razão dos prédios que existia na vila e pelo número de pessoas que já habitavam o local.

Observamos ainda que além de trazer uma nova estrutura para cidade, essas transformações afetaram o modo de vida das pessoas, os novos comportamentos sociais e novas visões de mundo que foram engendrados em seus habitantes locais. Novas práticas culturais foram inseridas, como carnaval, futebol, a importância do desfile cívica no local, entre outras manifestações culturais. Embora, que essas já existissem na vila, mas, que nesse momento se apresentou com uma nova roupagem seguindo os preceitos modernos da época.

A partir do estudo prévio sobre o tema, em livros e trabalhos publicados sobre a temática por autores locais, além de dissertações e teses nas mais diferentes áreas do conhecimento que discorrem sobre a história do município, fotografias bem como o trabalho de campo com uma metodologia estruturada para melhor análise dos fatos. Notamos que ainda há resquícios do passado constituindo a paisagem do bairro do DNOCS. Apesar do extenso processo de desvalorização e decadência dentro da sociedade coremense. Hoje, o bairro apresenta outra fisionomia do que foi na década de 30. O seu desenvolvimento não acompanhou o crescimento da cidade, e assim ocasionando em boa parte de sua estrutura o retrocesso e decadência, vista na arquitetura presente do bairro.

Diante disso, e ciente de que muitos passos ainda podem ser dados, acreditamos ter apresentado uma instigante reflexão sobre os processos de transformação pelos quais a cidade passou. Como seu espaço físico foi modificado e como essas modificações implicaram em uma mudança também na visão dos seus habitantes – incorporando essas mudanças e resistindo com a manutenção do seu núcleo urbano no espaço original.

Tendo em vista todas essas considerações percebemos que há inúmeras possibilidades de análise que ainda podem ser feitas, sobre o tema em questão e que foram enfatizados sem a atenção merecida nesse trabalho. Como: uma investigação sobre as diversas formas de sociabilidade imposta na vila, uma análise comparativa entre as práticas culturais do acampamento do DNOCS em relação as da vila de Coremas. Outra possibilidade que pode ser feita é sobre a importância do acampamento do DNOCS nas festividades da Igreja da vila de

Coremas. Afirmamos assim que o bairro como a própria cidade possui um rico campo de investigação para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. Discurso em 05/02/2013 – Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br> > acessado em: junho de 2015.

_____. Discurso em 19/05/2015 – Plenário da Casa de Epiácio Pessoa. Disponível em: <www.al.pb.gov.br > acessado em: 27 de Maio de 2015.

_____. DNOCS vê na crise hídrica chance de construir mais açudes. 2016. Disponível em: <<http://www.maispb.com.br/135605> > Acessado em: 20 de 29 de novembro 2015.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)**. (Dissertação) Mestrado em História do Brasil. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1988.

ALBUQUERQUE, José Antônio. **A construção do Açude de Boqueirão de Piranhas e a epidemia de 1932**. 2015. Disponível em: <<: <http://www.diariodosertao.com.br/coluna/a-construção-do-acude-de-boqueirão-de-piranhas-e-a-epidemia-de-1932>> Acessado em: 19 de janeiro 2016.

ALMEIDA, Severino Lopes de. Preto: **depoimento**. [Outubro. 2013]. Entrevistador: Jocilene da S.Souza: Coremas- PB 2013. Informação verbal.

ANDRADE, Rita de Cássia Gregório de. **A cidade de Coremas-PB: geografia histórica de uma cidade pequena** / Rita de Cássia Gregório de Andrade. Dissertação (Mestrado) - João Pessoa: UFPB, 2008.

BARBOSA, Jivago Correia. **Política e assistencialismo na Paraíba: o governo de José Américo de Almeida (1951-1956)**. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, 2011.

BRITO Franklyn Barbosa de. SUERTEGARAY Dirce Maria Antunes. **Projetos hídricos no nordeste semiárido brasileiro: políticas de açudagem e transposição das águas do Rio São Francisco**. Disponível em: < <http://eng2012.agb.org.br>> Acesso em: 20 de Maio de 2014.

BUZATO, G. F. **Transformações urbanas em Cuiabá e a Formação do Cidadão Cuiabano Moderno (1937-1945)**. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação Cuiabá – MT: UFMT, 2013. V. 7. P. 1-15.

CARDOSO, José Romero Araújo. **Dramas dolorosos do Nordeste: notas sobre a grande seca de 1932**. 2010. Disponível em: < <http://www.lampiaoaceso.blogspot.com>> Acesso em: 9 de junho de 2014.

- CARVALHO, Emmanoel Rocha. **Barragens de Curema e Mãe d'água: Nos bastidores da construção.** João Pessoa- 2013.
- CARVALHO, Otamar de. **O soerguimento do DNOCS** (a propósito do seu centenário) Revista Conviver Nordeste Semiárido. V. I n. 6 –(2009), Fortaleza: DNOCS/ BNB-ETENE (O Século do DNOCS). P.13.
- CASTELO BRANCO, Mairton Dantas. **Açude Itans – Uma discussão das políticas hidráulicas.** 2013.
- CASTRO, Lara de. **De Retirantes a Operários trabalho, resistência e conflitos nas Obras Contra as Secas (1915-1919).** Perseu: História, Memória e Política, v. 1, p. 60-89, 2010.
- CASTRO, Lara de. **É gente que só o diabo: trabalhadores cassacos no labor das obras contras as secas no Ceará (1950).** In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal-RN. Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. P. 1-14.
- CAVALCANTE, Arnóbio de Mendonça Barreto. **Fragmentação e destruição da caatinga pela açudagem.** III CLAE e IXCEB, 10 a 17 de Setembro de 2009, São Lourenço – MG.
- CAVALCANTI, Faustino Teatino. **Transformações urbanísticas e representações modernas: A cidade de Taperoá PB nas primeiras décadas do século XX.** Recife, 2007 v. 1. P. 01-15.
- CHAVES, Carolina Marques. **"João Pessoa: a verticalização e a construção da cidade moderna na segunda metade do século XX."** Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo 10.3 (2012).
- DIAS, Reginaldo Benedito. **A história além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica.** Hist. Ensino, Londl “ina, v. 6, p.1 03-120, OUt. 2000”.
- DNOCS- Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. **História.** Disponível em: <<http://www.dnocs.gov.br/php/comunicação/registros.>> acessado em: 21 de outubro de 2014.
- FARIAS Hélio Takashi Maciel de. **Contra as Secas: a engenharia e as origens de um planejamento regional no nordeste brasileiro.** (Dissertação de mestrado defendida do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo) UFRN: Natal, 2008.
- FERREIRA, A.; DANTAS, G.; EDUARDO, A. **Em torno das cidades: urbanismo e secas no nordeste do Brasil, 1900-1920.** Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona. Vol. IX, núm. 194 (104). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-104.htm>>. Acessado em 02 de dezembro de 2014.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **A seca como manifestação político-social: oligarquias e cangaço na Paraíba.** 2007.

FILGUEIRA, Maria Conceição Maciel. **Eloy de Souza: Uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas**. 405 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

FORMIGA, Mayara Millena Moreira. **Nas veredas do sertão colonial: o processo de conquista e a formação de elites locais no sertão de Piranhas e Piancó** (Capitania da Parahyba do Norte, c.1690-c. 1772) Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2013.

FREITAS, Tiago dos Santos. **Entre o tradicional e o moderno: Símbolos da modernidade em Queimadas (1950-1980)**. Campina Grande, 2013.

GASPAR, Lúcia. **Seca no Nordeste Brasileiro**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, 2009.

GIDDENS, Anthony **As consequências da modernidade** – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

JULIANELLI, A. R. B. E. **Henrique de Novaes: técnica, território e cidade em uma trajetória profissional-Brasil, primeira metade do século XX**. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Norte, 2011.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **A transformação urbana: Santos 1870-1920**. Revista USP, n. 41, p. 98-111, 1999.

LIMA, Aline Silva. **Um projeto de combate às secas: os engenheiros civis e a IOCS na construção do Açude Tucunduba (1909-1919)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, 2010.

MAIA, Doralice Sátyro. **Luzes, postes e trilhos: equipamentos modernos que transformam a morfologia e a vida cotidiana da cidade da Parahyba (Brasil) nos primórdios do século XX**. Barcelona, 2012.

MELO Cleópatra de. **A seca no discurso da Assembleia Legislativa Provincial no Rio Grande do Norte (1877-1879)**.

MENDONÇA, José Ricardo Nunes. **Do oásis à miragem: uma análise da trajetória do perímetro irrigado de Sumé – PB no contexto das políticas de desenvolvimento para o Nordeste**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2010.

MOLLE, François. **Marcos Históricos e Reflexões sobre a Açudagem e seu Aproveitamento**. Recife: SUDENE, DPG. PRN. HME, 1994.

MONTEIRO, Renata Felipe. **A ciência adentrando o sertão do Ceará**. Revista Eletrônica de História, Teresina, n. 1, v. 1, jun. 2011.

- MONTEIRO, Renata Felipe. **Um monumento ao Sertão: ciência, política e trabalho na construção do açude Cedro (1884-1906)**. Dissertação de mestrado em história, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2012.
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano. (1950-1960)** – Recife, 2008.
- Pesavento, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.
- PIRES, Diassis (Dir. Geral). **A caixa d'água do sertão: um documentário de Diassis Pires**. Documentário NTSC. Color. 32min. 2011.
- RÊGO, Eduardo Ernesto do. **Cooperativismo e território: questões sobre a COAPECAL em Caturité PB**. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geociências, UFPB, João Pessoa, 2009.
- SANTOS NETO, Martinho Guedes. **Os domínios do Estado: a interventoria de Anthenor Navarro e o poder na Paraíba (1930-1932)**. (dissertação Mestrado em História). João Pessoa: PPGH/UFPB, 2007.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SILVA, A. W. ; FERREIRA, A. L. A. **Açudes: testemunhos da história patrimônios do Nordeste**. In: 62ª Reunião Anual da SBPC. Natal - RN, 2010, Natal. Anais da 62ª Reunião Anual da SBPC. Natal - RN, 2010. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br>> Acesso em: 16 de julho de 2014.
- SILVA, A. W. ; MEDEIROS, G. L. P.. **A integração do território do Rio Grande do Norte pelos açudes e estradas de ferro (1889 – 1935)**. Revista Fazendo História, v. 1, p. 65-88, 2007.
- SILVA, Adriano Wagner Da. **Engenharia nos sertões nordestinos: o Gargalheiras, a Barragem Marechal Dutra e a comunidade de Acari, 1909-1958**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- SILVA, E. O. ; SOARES, E. T. **O Discurso Político sobre a Técnica da Açudagem como resolução das Secas no Nordeste na década de 1950**. Caicó: 2012.
- SILVA, Filho Edvaldo Brilhante Da. **Coremas o seu lugar na história**. João Pessoa: GEOGRAFIC, 1996.

SILVA, Sílvia Tavares Da. **Cidades e as Tramas do Moderno**. In: X Encontro Nacional de História Oral, 2010, Recife. História e Política, 2010. Disponível em: <<http://www.encontro2010.historiaoral.org.br>>. Acessado em: 31 de julho 2013.

SIQUEIRA, M. P. S. **A cidade e a urbanização no ideário da modernidade republicana**. In: II Seminário Nacional de História e Historiografia, 2008, Mariana/UFOP. Tradições historiográficas modernas, 2008.

SOARES, Gisleuza Formiga, et al. **Açude Engenheiro Arcoverde: Impactos ambientais no município de Condado-PB**. Informativo Técnico do Semiárido 3.1 (2010): 45-35.

SUASSUNA, João. **Semiárido: proposta de convivência com a seca**. Recife, 2012. Disponível em: <www.fundaj.gov.br> Acessado em: 16 de agosto de 2014.

TRINDADE, Isabella Leite. **A cidade, palco da modernidade**. Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 6, n. 3, 2012.

VIEIRA, Elvis José. **A construção de Novos Cenários Urbanos na Cidade Contemporânea**. Rio de Janeiro- 2010.

VILLA Marco Antônio; CAMPOS, Nivalda Aparecida. **A Representação da Seca no Nordeste Semiárido Brasileiro**. III Encontro da ANPPAS maio de 2006, Brasília – DF.